



ISPA | Instituto Superior de Psicologia Aplicada

VINCULAÇÃO PARENTAL E VINCULAÇÃO AMOROSA
EM JOVENS NO FINAL DA ADOLESCÊNCIA

SUSANA ISABEL BARROS BATALHA

Nº 13 356

Orientador de Dissertação

PROFESSOR DOUTOR EDUARDO SÁ

Coordenador do Seminário de Dissertação

PROF. DOUTOR EDUARDO SÁ

Tese submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de
Mestre em Psicologia Clínica

Instituto Superior de Psicologia Aplicada

VINCULAÇÃO PARENTAL E VINCULAÇÃO AMOROSA
EM JOVENS NO FINAL DA ADOLESCÊNCIA

SUSANA ISABEL BARROS BATALHA

Dissertação orientada por: Prof. Doutor Eduardo Sá

Tese submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de:

Mestre em Psicologia Aplicada

Especialidade em Psicologia Clínica

2009

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação Prof. Doutor Eduardo Sá, apresentada no Instituto Superior de Psicologia Aplicada para obtenção de grau de Mestre na especialidade em Psicologia Clínica conforme o despacho da DGES, nº19673/2006 publicado em Diário da República 2ª série de 26 de Setembro, 2006.

AGRADECIMENTOS

A concretização do presente trabalho deve-se à contribuição de várias pessoas, às quais gostaria de deixar umas palavras de agradecimento.

Ao Professor Doutor Eduardo Sá, por me ter orientado neste trabalho e pelas sugestões e críticas construtivas, que contribuíram para o enriquecimento do mesmo.

À Professora Doutora Paula Mena Matos, pela disponibilidade em me receber para esclarecimento de dúvidas, acerca da cotação do questionário QVA e sobre o tema desenvolvido neste trabalho.

À Dr.^a Tânia Pinto, pela disponibilidade na resolução de algumas dúvidas estatísticas, pelo rigor e também pelo seu entusiasmo.

Ao Dr. Pedro Ferro, pela amizade e pelo debate de ideias, que me ajudou a perspectivar alguns aspectos de outra forma.

Aos professores que me facultaram o acesso às suas aulas, para recolher a amostra e, a todos os alunos amostrados. Sem eles esta investigação não teria ocorrido.

Aos meus amigos e aos meus colegas, pelas ajudas e por todos os momentos de encorajamento. Em particular: à Andreia que tão pacientemente me ajudou na árdua tarefa de inserir os dados da amostra e tem sido uma excelente amiga; à Natacha que mesmo longe, encurtou a distância e me enviou prontamente, alguns artigos científicos; à Maria João, à Astrid e ao Nuno que estiveram sempre lá sempre quando precisei; e por fim, mas não menos importantes, à Ana, à Leonor, à Carla e ao Pedro, pelas longas conversas à volta do tema e pelos bons momentos de lazer.

Aos meus pais, à minha avó e à minha tia Isabel, pelo carinho, apoio e incentivo nesta jornada.

A todos os que me apoiaram, o meu muito obrigada.

RESUMO

Na presente investigação, analisa-se a percepção de 117 adolescentes, com idades compreendidas entre os 16 e os 20 anos, sobre os relacionamentos com os pais e com o par romântico. De acordo com Blos, considerou-se que os jovens da amostra estavam no final da adolescência. Para estudar o que se propunha, utilizou-se: o questionário *Desenho de Círculos Representativos da Família* (Canavarro, 1999), que avalia de forma longitudinal a percepção que o indivíduo tem da relação afectiva com cada uma das figuras parentais, ao longo do seu desenvolvimento; e o *Questionário de Vinculação Amorosa* (Matos & Costa, 2001), que avalia a relação com o par romântico, através da: Confiança, Dependência, Ambivalência e Evitamento. Os resultados encontrados, sugerem que: (a) os rapazes percebem maior proximidade emocional aos pais em todo o desenvolvimento; (b) as raparigas namoram mais, têm namoros mais duradouros e envolvem-se mais emocionalmente nos relacionamentos amorosos; (c) os indivíduos com estilo de vinculação amorosa seguro representam a relação com a mãe como mais próxima emocionalmente e mais constante ao longo do desenvolvimento e, têm vários tipos de relacionamentos românticos; (d) quando o adolescente percebe a separação dos pais e/ou perturbações emocionais nos pais, parece existir maior distanciamento emocional parental e, relacionamentos românticos menos íntimos.

Palavras-chave: adolescência; vinculação parental; vinculação amorosa

ABSTRACT

The following research analyses how 117 adolescents, comprising the age range of 16 to 20 years, about how they perceive the relationships with their parents and peers. According to Blos, the study samples are at the end of adolescence. The study is based on: a) the questionnaire *Desenho de Círculos Representativos da Família* (Canavarro, 1999), that assesses in a longitudinal way, the individual's perception of the parent-child affective relationship, during his/her development; and b) the *Questionário de Vinculação Amorosa* (Matos & Costa, 2001), assessing the romantic relationship with the partner, through: Trust, Dependence, Ambivalence and Avoidance. The results suggest that: (a) boys, perceive a higher degree of emotional proximity towards their parents in the whole development; (b) girls compromise seriously, longer, and are more emotionally involved in the loving relationships; (c) individuals showing a secure loving attachment, represent the relationship with the mother as emotionally closer and more constant throughout the development, and have several romantic experiences; (d) when an adolescent had a separation of their parents and/or perceive emotional disturbances in the parents, there seems to exist a higher parental emotional estrangement and fewer intimate romantic relationships.

Key-Word: adolescence; parental attachment; loving attachment

ABREVIATURAS

DCRF – Desenho de Círculos Representativos da Família

DE – Distância Emocional

DP – Desvio Padrão

EVA – Estilos de Vinculação Amorosa

H – Hipótese

M – Média

Med – Mediana

MANOVA – Análise de Variância Multivariada

Máx – Valor Máximo

Mín – Valor Mínimo

N – Número Total de sujeitos

n – Subconjunto de N

% - Percentagem

p - Probabilidade

PDE – Percepção de Distância Emocional

PE – Proximidade Emocional

PPE – Percepção de Proximidade Emocional

PPPE – Percepção dos Pais com Perturbações Emocionais

QBD – Questionário Biográfico e Demográfico

QVA - Questionário da Vinculação Amorosa

r - Correlação

VA – Vinculação Amorosa

VP – Vinculação Parental

SPSS – *Statistical Package for the Social Sciences*

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	1
Parte I	
CAPÍTULO I – ADOLESCÊNCIA	3
Fases da Adolescência	3
<i>Pré-adolescência</i>	4
<i>Início da Adolescência</i>	4
<i>Plena Adolescência</i>	5
<i>Final da Adolescência</i>	8
<i>Pós-adolescência</i>	11
Quadro-Síntese	12
Parte II	
CAPÍTULO II – MÉTODO	15
Objectivos da investigação	15
Hipóteses	18
Delineamento	21
Participantes	21
Procedimento	22
Instrumentos	23
<i>Desenho de Círculos Representativos da Família (DCRF)</i>	23
<i>Questionário de Vinculação Amorosa (QVA)</i>	25
<i>Questionário Biográfico e Demográfico</i>	26
CAPÍTULO III – RESULTADOS	27
Tratamento Estatístico	27
<i>Desenho de Círculos Representativos da Família (DCRF)</i>	27
<i>Questionário de Vinculação Amorosa (QVA)</i>	30
<i>Relação entre o DCRF e QVA</i>	34
<i>Questionário Demográfico</i>	43
<i>Adolescentes que Não Estiveram Separados dos Pais</i>	44
<i>Adolescentes que Não Estiveram Separados dos Pais</i>	46

<i>adolescentes que estiveram separados dos pais por conflitos interparentais.</i>	47
<i>Adolescentes que Percepcionam os Pais Sem Perturbações Emocionais</i>	48
<i>Adolescentes que Percepcionam os Pais com Perturbações Emocionais</i>	50
CAPÍTULO IV – DISCUSSÃO	51
CONCLUSÃO	55
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	60
ANEXOS	66
Anexo A	67
Quadro: Variáveis descritivas gerais dos adolescentes	68
Quadro: Variáveis descritivas específicas dos adolescentes	70
Anexo B	72
Pedido de consentimento informado ao encarregado de educação (< 18 anos)	73
Folha de rosto dos questionários aplicados à amostra	74
Desenho de Círculos Representativos da Família (DCRF)	75
Questionário de Vinculação Amorosa (QVA)	76
Questionário Demográfico (QD)	
Anexo C	80
Quadro: Valores descritivos para os rapazes adolescentes	81
Quadro: Valores descritivos para as raparigas adolescentes	81
Quadro: Valores percentuais da relação romântica, segundo o EVA e o género dos adolescentes que não estiveram separados dos pais	81
Quadro: Valores percentuais da relação romântica, segundo o EVA e o género dos adolescentes que estiveram separados dos pais	83
Quadro: Valores percentuais da relação romântica, segundo o EVA e o género dos adolescentes que não PPPE	85
Quadro: Valores percentuais da relação romântica, segundo o EVA e o género dos adolescentes que PPPE	87

Lista de Tabelas

TABELA 1: Comparação dos resultados para a percepção da relação com a mãe e com o pai, em função do género dos adolescentes	29
TABELA 2: Valores descritivos das Dimensões, de acordo com o género dos adolescentes	30
TABELA 3: Valores descritivos que caracterizam as relações românticas dos adolescentes	30
TABELA 4: Análise <i>Qui-Quadrado</i> da amostra, tendo em conta o género e os quatro <i>clusters</i>	30
TABELA 5: Valores médios da PDE aos pais em adolescentes	35
TABELA 6: Valores percentuais que caracterizam as relações românticas dos adolescentes, segundo o EVA e o género dos jovens	38
TABELA 7: Valores médios da PDE aos pais dos adolescentes que não estiveram separados dos pais	44
TABELA 8: Valores médios da PDE aos pais dos adolescentes que estiveram separados dos pais	45
TABELA 9: Valores médios da PDE aos pais em adolescentes que não PPPE	48
TABELA 10: Valores médios da PDE aos pais em adolescentes que PPPE	50

Lista de Figuras

FIGURA 1: Valores médios da percepção da proximidade emocional (PPE) à mãe, ao longo do ciclo de vida dos adolescentes amostrados	28
FIGURA 2: Valores médios da PPE ao pai, ao longo do ciclo de vida dos adolescentes amostrados	28
FIGURA 3: Percentagem dos estilos de vinculação amorosa (EVA) por género	33
FIGURA 4: <i>Clusters</i> dos rapazes	33
FIGURA 5: <i>Clusters</i> das raparigas	33
FIGURA 6: Valores médios da relação entre os EVA dos rapazes e a relação com a mãe	35
FIGURA 7: Valores médios da relação entre os EVA das raparigas e a relação com a mãe	36

FIGURA 8: Valores médios da relação entre os EVA dos rapazes e a relação com o pai	37
FIGURA 9: Valores médios da relação entre os EVA das raparigas e a relação com o pai	37
FIGURA 10: Valores percentuais do tipo de relação romântica dos rapazes, consoante o EVA	40
FIGURA 11: Valores percentuais do tipo de relação romântica das raparigas, consoante o EVA	40
FIGURA 12: Valores percentuais da duração da relação romântica dos rapazes, consoante o EVA	41
FIGURA 13: Valores percentuais da duração da relação romântica das raparigas, consoante o EVA	41
FIGURA 14: Valores percentuais do nível de envolvimento amoroso dos rapazes, consoante o EVA	42
FIGURA 15: Valores percentuais do nível de envolvimento amoroso das raparigas, consoante o EVA	42

INTRODUÇÃO

O presente estudo, partiu do desenvolvimento de dois temas de interesse pessoal: o estudo da adolescência e a teoria da vinculação. Da pesquisa bibliográfica, nasceu a inspiração para o objectivo principal a estudar a vinculação no final da adolescência.

O final da adolescência é a última fase do período da adolescência, situada entre a plena adolescência e a pós-adolescência (Blos, 1998). Para definir o conceito de adolescência, recorreu-se à abordagem teórica de Blos. O autor, define este período constituído por três fases: *Início da Adolescência, Plena Adolescência e Final da Adolescência*. Esta divisão por fases, não é rígida, porque o indivíduo pode sempre regredir em determinado momento do seu desenvolvimento, para a fase anterior. No entanto, desta forma, entende-se melhor as modificações que ocorrem ao longo deste período.

Visto a amostra recolhida ser compreendida por adolescentes dos 16 aos 20 anos (idade média é 18 anos), considerou-se que de acordo com o teorizado por Blos (1998) estariam na sua maioria, na última fase da adolescência. De acordo com este autor, no final da adolescência, o indivíduo vai integrar o ego, em consonância com a sua noção de identidade, que se foi evidenciando ao longo do desenvolvimento (desde a infância até ao presente momento), constituindo a sua personalidade de adulto. É nesta fase, que o indivíduo começa a tomar decisões que têm repercussões no seu futuro, tais como profissionais e amorosas (Blos, 1998; Ferreira & Jorge, 2008). A nível amoroso, o indivíduo começa a estabelecer compromissos mais íntimos e maduros (Costa, 2005).

Da pesquisa efectuada, sobre influência da família, pôde-se concluir que a relação pais-filho é um factor central no desenvolvimento psicossocial do indivíduo. Por isso as relações parentais, são sugeridas como influenciando as futuras relações significativas, visto serem as primeiras de vínculo afectivo significativo que o indivíduo estabelece, e que determinam a construção de modelos representacionais de si próprio e do outro, que vão dar origem a futuras relações de proximidade emocional.

Com a puberdade, surgem importantes transformações nas relações parentais, porque o adolescente sente necessidade de se mostrar independente, de se afirmar e ganhar autonomia. Os pais são por isso, deslocados para um “segundo plano” em detrimento de outros objectos significativos para o indivíduo, com as quais o jovem se quer identificar e partilhar novas

experiências e valores. Contudo, tal não significa, que haja um corte nas relações de vinculação com os pais, pelo contrário, dão-se reestruturações nessas relações, para que seja depois constituído um contexto de proximidade emocional e de segurança, de forma a facilitar o desenvolvimento de sentimentos positivos acerca de si próprio (Andrade dos Santos, 2005; Coimbra, 2003; Blos, 1998; Matos e Costa, 1996). Essa situação, segundo alguns autores, pode dar origem a crises, provocando algum mau estar emocional, tanto nos pais como nos filhos. Contudo, segundo Coimbra de Matos (2003), é através do conflito interno que o adolescente progride para a fase adulta, ou regride adoecendo. Isto porque, as crises só existem na patologia (Coimbra, 2003; Marcelli & Braconnier, 2005). Caso não haja um ego fraco, de um ou dos dois pais, o adolescente desenvolver-se-à de forma equilibrada, fomentando relações de menor dependência, das que desenvolvia enquanto criança, ensaiando um novo papel com os pares, onde conjuga a acção de cuidar e de ser cuidado (Blos, 1998; Castro, 2009; Coimbra, 2003; Matos, 2002).

Verificou-se também pela pesquisa efectuada, existir diferenças na forma como os indivíduos se relacionam dependendo do género e dos estilos de vinculação. Assim, recorreu-se à teoria da vinculação, para compreender a existência de diferenças individuais nos jovens no final da adolescência, quanto às suas relações parentais, vividas ao longo do ciclo de vida, e às suas relações estabelecidas com o par amoroso. Partiu-se do pressuposto, que os indivíduos com diferentes padrões de vinculação amorosa, percebem as suas relações afectivas, em função dos modelos de si próprio e dos outros, mas que a qualidade da vinculação, estabelecida nos primeiros anos de vida com os primeiros objectos de amor, ou figuras significativas cuidadoras, embora influenciando a percepção e a forma como vive os relacionamentos amorosos, não os determinava (Canavarro, 1999). Dá-se por isso igualmente importância à história de vida do indivíduo, que pode ser promotoras de mudanças positivas ou negativas ao longo do seu desenvolvimento.

Atendendo a estes pressupostos teóricos, pretende-se com este trabalho, identificar e compreender melhor a influencia que o género, o estilo de vinculação amorosa e a história pessoal, têm na percepção e (re)construção de relações significativas por parte dos jovens no final da adolescência.

CAPÍTULO I – ADOLESCÊNCIA

O termo “Adolescência”, significa em latim “crescer” e caracteriza-se por ser um estado de transição entre a infância e o estado adulto. Nem sempre este período é encarado de forma tranquila pelos adolescentes e os seus pais, podendo ocorrer conflitos ou crises, devido a mudanças corporais, psíquicas, relacionais, ambientais e socioculturais (Marcelli & Braconnier, 2005). Contudo, esta altura, é também uma oportunidade de o jovem crescer e desenvolver-se num ser mais criativo, corajoso, e capaz de amar, se durante todo o seu desenvolvimento, se sentir amado.

Segundo Coimbra de Matos (2003), a adolescência é uma das épocas mais promissoras e ricas da vida, que revela potencialidades pelo aumento de capacidade moral, criativa e de exploração. Mas também é um período onde o jovem se sente confrontado com momentos de ambivalência, decorrentes do processo maturativo, que o faz oscilar entre o “*fascínio e o desejo de conhecer, explorar e desfrutar das novas capacidades (do seu corpo erótico) e campo de experiência e satisfação, ou, opostamente, o medo, o evitamento, a negação, a vergonha ou a repulsa e a culpa.*” (Coimbra de Matos, 2003; p. 201). Por isso, os pais devem apoiar os seus filhos adolescentes nos momentos difíceis, motivando-os e estimulando-os para novas experiências, de forma a crescerem de forma saudável e confiante, pois caso contrário, correm o risco de sofrer problemas psicológicos. (Castro, 2009; Marcelli & Braconnier, 2005; Shaffer, 2005).

Fases da Adolescência

Segundo a perspectiva psicanalista de Blos (1998), a adolescência pode ser caracterizada em três fases distintas: *Início da adolescência*, *Adolescência propriamente dita* (ou Plena adolescência) e o *Final da adolescência*. Na verdade, esta divisão segundo o autor, é uma abstracção, porque não existe uma compartimentação muito nítida no desenvolvimento. O desenvolvimento não se faz a um ritmo constante, porque podem ocorrer regressões. Contudo, desta forma, torna-se mais fácil compreender as modificações essenciais em cada uma das fases e, o que as caracteriza. Desta forma, optou-se por apresentar o período

adolescente de acordo com estas fases propostas por Blos, caracterizando também a fase anterior e a posterior, para uma melhor compreensão do desenvolvimento.

Pré-adolescência

Antes do início da adolescência, existe uma fase a que Blos (1998) denominou de *Pré-adolescência*, e que é marcada pelo início da puberdade. Com a puberdade, dá-se um aumento quantitativo da pulsão sexual, que leva a um reaparecimento da pré-genitalidade e ao fim do período de latência (Blos, 1998). Contudo, segundo o autor, nesta fase os jovens não têm nem um novo objecto de amor, nem um novo alvo para os instintos, “*Qualquer experiência pode tornar-se sexualmente estimulante- mesmo os pensamentos, fantasias e actividades destituídos de qualquer conotação erótica óbvia*” (Blos, 1998, p.78). Isto pode ser vivido com ambivalência, entre o desejo e o medo de crescer, por causa das transformações psíquicas e físicas que se começam a notar (Blos, 1998; Fonseca, 2005; Sardo, 1997). Nesta fase, dá-se a socialização da culpa, para contornar o conflito do ego. Os pré-adolescentes podem projectar a culpa sobre o líder do grupo, enquanto impulsionador dos actos de transgressão, sendo esta para Blos (1998), uma razão para a crescente importância da pertença ao grupo. O grupo para os meninos, é constituído por indivíduos do mesmo sexo. Primeiro, para evitar o sexo oposto, devido sentirem ansiedade de castração (i.e. por medo e desejo) em relação à mãe arcaica, depois porque a escolha de elementos do mesmo sexo, tem uma conotação erótica e está relacionada com a escolha de um objecto narcísico. As meninas, defendem-se contra a pressão regressiva da mãe pré-edipiana, e interessam-se pelos jogos heterossexuais. O papel das meninas, nesta fase é marcado por comportamentos agressivos e sedutores. Por essa razão, ter uma fixação à mãe nesta fase, pode originar um desenvolvimento anormal, para ambos os géneros, regredindo ao ponto de fixação pré-edipiano anterior.

Início da Adolescência

Após a pré-adolescência, os jovens fazem repetidas tentativas de separação dos seus primeiros objectos de amor. A renúncia ao objecto primário incestuoso, como forma de sublimação (i.e. tendência para a intelectualização e o auto-conhecimento), salvaguarda a integridade do ego (Blos, 1998) e permite descobrir a sua identidade de adulto (Marcelli & Braconnier, 2005). No início da adolescência, há a necessidade de renunciar à imagem de perfeição dos pais (i.e. imagem da sua infância), e por vezes, manifestam uma clara oposição

aos desejos e valores parentais (Blos, 1998; Shaffer, 2005). Contudo, esse conflito com os pais enquanto parte integrante da sua reorganização intrapsíquica, para remodelar as imagens parentais, é normal e natural (Sardo, 1997). Este afastamento das representações dos pais e dos seus equivalentes morais internalizados, permite-lhes afastarem-se da tensão dos instintos e da angústia conflitual que sentem. Mas esse afastamento, vai enfraquecer o super ego, deixando por uns tempos de depender da sua autoridade. Desta forma, o ego torna-se ineficaz para mediar as pulsões e o mundo exterior, e isso faz com que os jovens oscilem durante esta fase e a seguinte, entre duas posições extremas e contrárias, a posição passiva e a posição activa das pulsões. Esta ambivalência é exercida em relação ao ego, ao objecto e ao mundo exterior. Por essa razão, nesta fase, alguns jovens sentem instabilidade e incongruência: 1) ao fazerem as suas escolhas objectais; 2) nas suas oscilações de humor; 3) nas mudanças de comportamento e; 4) nas capacidades de testar a realidade.

É no início da adolescência, que se buscam novos objectos de investimento da libido (Blos, 1998). A formação de amizades íntimas e idealizadas entre os indivíduos do mesmo sexo, bem como, novos valores adquire grande importância. A escolha inicial do amigo, é narcisista, porque é baseada em algumas características que o ele valoriza e sente que lhe faltam, e que acabam por ser possuídas de forma indirecta, ao ser aceite e apreciado pelo seu objecto ideal, ou melhor amigo (Blos, 1998). Essa relação objectal, que marca a fase bissexual do início da adolescência, forma o ideal de ego que regula a manutenção da auto-estima (i.e. o seu equilíbrio narcísico). E estimula também, a procura e o manter relações estáveis com o objecto heterossexual, nas fases seguintes (Blos, 1998; Shaffer, 2005).

Plena Adolescência

Na adolescência propriamente dita, ou plena adolescência, os desejos e os seus conflitos edipianos voltam a surgir (Blos, 1998). As mudanças corporais e psíquicas são mais rápidas e mais evidentes, e vão provocar alterações decisivas no processo de maturação do adolescente. Com a perda da bissexualidade do jovem, surgem as mudanças familiares, devido a uma revivência do conflito edipiano (Marcelli & Braconnier, 2005). Ao ser integrada a identidade de sexo e de género, o adolescente sente necessidade de se afastar mais dos seus pais, ainda que de forma simbólica (i.e. através da rejeição dos desejos, dos ideais, dos modelos de identificação e interesses, que construiu com eles durante a infância), procurando

novas fontes de satisfação, fora do ciclo familiar. O rompimento com os pais internalizados e muito idealizados, abala o adolescente, mas por outro lado, abre-lhe novos horizontes desconhecidos, criando um misto de esperança e medo.

O adolescente passa primeiro por um processo de luto, para se convencer, e aos seus pais também, de que já não precisa dos pais como precisava em criança. Esta fase narcísica, que antecede as novas relações objectais e sociais, é marcada por um distanciamento dos objectos exteriores, permitindo um acesso mais próximo aos seus sentimentos. Tal é positivo, na medida em que o ajuda a desligar-se das primeiras figuras significativas hipervalorizadas, disponibilizando a pulsão necessária para investir, de forma realista, na sua auto-estima (Blos, 1998). Na fase seguinte, o adolescente identifica-se com os pares, primeiro com os do mesmo sexo, depois com os do sexo oposto (Castro, 2009; Blos, 1998; Marcelli & Braconnier, 2005; Sardo, 1997; Shaffer, 2005; Sprinthall & Collins, 2003; Steinberg, 2008) de forma a elaborar os conflitos edipianos e a restabelecer o equilíbrio perdido (Sardo, 1997; Madeira, 1990).

Quando o jovem investe a libido, num novo objecto heterossexual não incestuoso, abandona as posições narcísica e bissexual, e afirma a sua pulsão sexual (Blos, 1998; Marcelli & Braconnier, 2005; Sardo, 1997). Os novos objectos de amor, acabam por ser proteger contra as introjecções dos antigos objectos de amor (Blos, 1998). No entanto, se os pais não promovem os esforços que o adolescente faz de separação-individação, a capacidade do jovem para explorar novos relacionamentos, fica comprometida (Castro, 2009; Marcelli & Braconnier, 2005). Por essa razão, quando existem perturbações nos adolescentes, estas são atribuídas às interacções patológicas dentro de uma família frágil. Nas famílias frágeis, em que existem «crenças fundamentais» ou *pressupostos de base*, e que fazem dela um grupo coeso e defensivo, os desejos de autonomia dos adolescentes, são encarados como uma ameaça (Marcelli & Braconnier, 2005). Ser autónomo, representa ter saúde mental, mas para tal, é preciso que os pais colaborem nesse processo, de forma a estabelecer relações com os pais mais simétricas e maduras (Castro, 2009; Coimbra de Matos, 2003).

A fantasia e os devaneios próprios da adolescência propriamente dita, ajudam o adolescente a assimilar lentamente as experiências afectivas, proporcionando o seu desenvolvimento progressivo. O pensamento e a criatividade artística do típico do adolescente, passam do egoísmo para a descentralização. Na plena adolescência, a expressão artística e de ideias, possibilitam a comunicação de experiências pessoais, e favorecem a participação social. Por isso, quando um jovem sente que as novas pulsões da puberdade, não poderem ser

partilhadas nem com os primeiros objectos de amor, nem com os novos objectos de amor, arranja formas que lhe permitem expressar e preencher o vazio emocional. Por exemplo, escrever um diário, permite-lhe manter a fantasia mais ou menos relacionadas com o objecto de amor, e impede-o da experimentação heterossexual prematura (Blos, 1998). Envolvimentos românticos que começam muito cedo e de forma intensa, parecem ter efeitos adversos no comportamento e na saúde mental dos adolescentes. Por outro lado, um envolvimento romântico moderado, antes dos 15 anos, está associado a uma melhor saúde mental e a uma melhor sensação de bem-estar (Steinberg, 2008).

Na adolescência, o estar apaixonado, ou ter um(a) namorado(a), é condição para o adolescente evidenciar os primeiros sinais de heterossexualidade e a elaboração da sua masculinidade ou feminilidade. Por exemplo, o rapaz torna-se mais evidente, através de atitudes barulhentas e predatórias. A namorada, representa para ele, uma fonte de prazer sexual, mas também uma mistura de atributos sagrados e preciosos. E também lhe, provoca medo de perder a sua independência e o seu controlo, por submissão emocional.

A primeira escolha do objecto heterossexual é geralmente determinada por alguma semelhança ou diferença notável, física ou mental, com um dos pais. Esse primeiro relacionamento romântico aparece por deslocamento e caracteriza-se por existir uma dissociação entre sensações físicas e sentimentos (Blos, 1998). Um amor, só é caracterizado como maduro, na pós-adolescência (após o declínio do Complexo de Édipo renascido), ou seja, quando há a consolidação e unificação destes dois opostos. Enquanto o jovem se encontrar na plena adolescência, oscila entre o agir para descarregar as tensões e, o controlo das tensões através dos mecanismos de defesa. Os mecanismos de defesa, em situações normais, são medidas de emergência que protegem o ego na luta contra os seus instintos, mas que prenunciam também, o aparecimento do carácter, de interesses, talentos e opções profissionais. De acordo com Blos (1998), a cultura influencia na formação das defesas dos adolescentes, porque os jovens, são mais vulneráveis às expectativas sociais. Assim, as defesas: ascetismo (que proíbe a expressão do instinto) e intelectualização (que permite a descarga da agressão através do deslocamento), parecem ser mais típicas dos adolescentes europeus, porque os adolescentes americanos afirmam mais a sua pulsão sexual sob pressão do grupo. Esse conformismo ao grupo por parte dos americanos, a que o autor deu o nome de *uniformismo*, denota-os de uma superficialidade emocional, provocada pela ênfase excessiva na acção, que vai favorecer o narcisismo. Os mecanismos de defesa do uniformismo são: a

identificação, a negação e o isolamento. Blos (1998) afirma que o comportamento do adolescente americano, ao ser regulado em termos sociais, reduz a diferenciação e a individualidade por muito tempo, levando a problemas de identidade e ao prolongamento da adolescência.

Final da adolescência

No final da adolescência, o jovem ainda passa por um processo de mudanças corporais, psíquicas, mas também sociais, onde a exploração e a reconstrução de relações sociais, têm repercussões no seu futuro acadêmico, profissional e amoroso (Beyers & Goossers, 2008). O jovem no final da adolescência, distingue-se do jovem adulto, porque ainda não consegue assumir todas as responsabilidades por si próprio, nem tomar decisões de forma independente em todas as áreas da sua vida, e também por não ser economicamente independente (Ferreira & Jorge, 2008). Contudo, já é capaz de adiar a sua gratificação e sujeitar-se à conciliação, ou persistir na sua escolha, para a sua auto-realização (Marcelli & Braconnier, 2005; Sá, 2003). Tais ganhos, são essenciais para investir numa relação romântica, porque dotam o jovem de um “(...) *sentido da reciprocidade e um meio de modelação relativamente às exigências pulsionais*” (Marcelli & Braconnier, 2005, p. 204).

É a partir do final da adolescência que surgem os primeiros relacionamentos românticos com significado e estáveis no tempo, começando os jovens “ (...) *a ensaiar os equilíbrios entre a construção da intimidade e a construção da identidade, e a testar a viabilidade das representações elaboradas em relações anteriores.* ” (Matos & Costa, 2006, pp. 100-101).

De acordo com Costa (2005), o estatuto de *intimidade* caracteriza os sujeitos que valorizam o desenvolvimento de relações de entrega mútua e espontâneas, caracterizadas por respeito pelo outro, e por investimento na resolução das suas divergências. A *pré-intimidade*, tal como o nome indica, é uma relação de proximidade mas sem investimentos profundos. Os sujeitos que a manifestam, já têm condições que lhes possibilitam estabelecer relações de autenticidade, mas a ideia de compromisso suscita-lhes ambivalência, porque temem os riscos e a responsabilidade que uma relação íntima comporta. A *pseudo-intimidade* é caracterizada por uma relação de investimento aparente. Os indivíduos ainda não são capazes de compreender as implicações da intimidade em toda a sua extensão e profundidade, por isso as

suas relações são superficiais e caracterizadas pelo narcisismo. A *estereotipia* é a completa ausência de investimento numa relação íntima, o envolvimento é totalmente evitado e as relações são colocadas ao serviço dos seus próprios interesses. Por último o estatuto de *isolamento*, é típico dos indivíduos solitários e é caracterizado por ausência de relações de intimidade.

O investimento romântico no final da adolescência, começa a ser mais íntimo e mais maduro (Costa, 2005). Os compromissos e o carinho com o par romântico, já fazem parte da maior parte dos relacionamentos desta fase, em que se procura uma “(...) *relação de verdade e de lealdade com o amor*” (Sá, 2003, p. 31). Os jovens no final da adolescência, por se encontrarem ainda num período de formação de identidade e de experimentação, estabelecem relações com o par amoroso, caracterizadas por Costa (2005) de *pré-intimidade*, por haver menor investimento emocional, quando comparadas com as dos adultos. A maior parte dos adolescentes tardios, têm relações menos íntimas, porque ainda não querem investir emocionalmente num relacionamento, separando assim, os sentimentos e as pessoas (Sá, 2003). São relações, caracterizadas pela experimentação, hesitação e diversidade de estratégias na conquista do seu objecto sexual e dos seus objectivos (mas também na renúncia de outros) (Ferreira & Jorge, 2008). Estas exploração e instabilidade, fazem parte desta fase, por isso Ferreira e Jorge (2008) consideram-nas normais e saudáveis, por terem um carácter temporário; já que permanecem até à fase adulta, quando o indivíduo já consegue assumir todas as suas responsabilidades, tomar decisões de forma independente e estar economicamente independente.

Contudo, se o adolescente tardio tem relações amorosas caracterizadas por *pseudo-intimidade* (i.e., relações superficiais e caracterizadas pelo narcisismo) ou *estereotipia* (i.e., o envolvimento é totalmente evitado, as relações servem os seus próprios interesses), revelam que ainda não são capazes de compreender as implicações da intimidade em toda a sua extensão e profundidade (Costa, 2005), mas também, por haver resistência em se entregarem à paixão, porque acreditam ser possível, confiar em alguém. De qualquer das formas, investindo ou não nos relacionamentos amorosos, a maioria dos jovens desta fase, ainda não pondera o casamento. Uma das justificações para este facto, pode ser pelo aumento da educação especializada e das condições necessárias à sobrevivência (Sprinthall & Collins, 2003). O investimento na educação, a crise económica instalada e a precariedade dos empregos, que atinge a nossa sociedade contemporânea, faz com que muitos indivíduos adiem o projecto de casar, e permaneçam a depender dos pais em termos económicos e emocionais, durante muito

mais tempo (Seiffge-Krenker, 2006; Steinberg, 2008). Desta forma, o período da adolescência, corre o risco de se prolongar por um tempo indefinido ou provocar uma *crise de identidade* (Blos, 1998).

A tarefa desta fase de desenvolvimento, está na elaboração de um ego unificado que integra os fenómenos residuais ou “retardamentos parciais” de fases anteriores, com os fenómenos estáveis, já consolidados, formando assim o carácter (Blos, 1998). O grau de vulnerabilidade de cada indivíduo, a tolerância ao conflito e à angústia, o volume e a intensidade dos estímulos (exteriores e interiores), é que vão dar origem a grandes diferenças individuais em termos de ego; podendo favorecer ou prejudicar o desenvolvimento do sujeito. Por isso, sempre que um indivíduo tem a confirmação de que pode ou tem algo, isso vai fortalecer o seu auto-conceito: e sempre que um indivíduo não pode ter algo, entra numa *crise de identidade*, por fracassos de adaptação, deformações do ego, manobras defensivas ou patologia severa. Blos (1998), definiu por *síndrome da adolescência prolongada*, a relutância em o indivíduo dar por encerrada a adolescência, por fixações dos instintos, descontinuidades no desenvolvimento do ego, problemas de identificação e bissexualidade. Contudo, durante toda a adolescência, o ego entra em acordo com a intensidade das pulsões, com os seus objectivos e os seus alvos, e sempre que se dá a passagem de uma fase para a outra, há sempre “fenómenos residuais” que não foram assimilados, que reclamam expressão e que são “transportados” até chegar à vida adulta. Esses fenómenos, só se manifestam quando seu o ego deixa de assumir o controlo total. Quando tal acontece, podem haver «(...) *complicações que (...) podem levar a manobras de adiamento (“adolescência prolongada”), ou a fracassos totais (“falência da adolescência”).*» (Blos, 1998, p.192). Quando o sujeito não é capaz de consolidar forças contrárias (libidinais e agressivas) dos objectos de amor e de ódio, está-se perante uma *adolescência frustrada*. Este colapso está relacionado, com a internalização de objectos primários deformados.

Quando o processo decorre com normalidade, no final da adolescência dá-se a solidificação de carácter. Contudo, tal é alcançada à custa da perda da sensibilidade introspectiva, da imaginação criativa e das iniciativas aventureiras. Estas características tão típicas dos adolescentes, tendem a desaparecer totalmente (exceptuando o caso dos artistas), sendo desenvolvida a capacidade de pensamento abstracto, definição conceitos e valores, reflexão sobre o próprio pensamento, consolidação do pensamento com a acção, promovendo a auto-realização (Blos, 1998; Fonseca, 2005; Sprinthall & Collins, 2003). Por exemplo, a

escolha da profissão, é iniciada na adolescência, mas é no final da adolescência, que os ideais do ego, assumem uma estrutura definitiva assim como o sentido de identidade.

Pós- Adolescência

Com a pós-adolescência, é atingida a maturação física e emocional. O pós-adolescente ou jovem adulto, desliga-se completamente das representações dos objectos parentais que construiu em criança. Nesta fase, faz uma revisão das suas identificações, conseguindo aceitar umas e rejeitar outras. Resolve os conflitos intra-sistémicos e as desarmonias do ego, consolida a identidade e os papéis sociais, e começa a harmonizar as várias componentes da sua personalidade de forma gradual e funcional (Blos, 1998). A confiança (em criança, depositada nos pais idealizados) volta-se para o eu, e que todos os esforços, são feitos para manter o senso de dignidade e de auto-estima (valor moral).

O pós-adolescente, empenha-se a experimentar relações com os novos e potenciais objectos de amor, que “(...) *representam todas as combinações possíveis do amor degradado e idealizado, sensual e terno.*” (Blos, 1998, p.204). Essa experimentação, leva à integração e definição de metas para o resto da vida, de acordo com a sua personalidade e a sua moral (Blos, 1998). Quando encontra um objecto de amor, com o qual é possível um relacionamento seguro, o indivíduo assume uma relação amorosa, a maternidade/paternidade. Esta fase também coincide com a escolha profissional. Com a conclusão dos processos de integração, estabilização e irreversibilidade do ego, atingidos na pós-adolescência, entra-se na condição adulta.

Caso ocorra um fracasso na conclusão do processo adolescente, não é alcançada a organização de um eu estável, e o ego não consegue tornar o conflito egossintónico, dando-se a *síndrome da adolescência prolongada*, que se manifesta por uma tentativa de manter todas as hipóteses em aberto para muitas formas de vida possíveis. De acordo com Blos (1998), uma das dificuldades na passagem do indivíduo, da adolescência para a pós-adolescência, é a *fantasia do salvamento*. O adolescente, por ter um ego instável, espera que a solução do conflito seja minimizada ou contornada por uma pessoa, pelas circunstâncias, pelo privilégio ou pela sorte. Essa fantasia, pode ser interpretada por o indivíduo ser incapaz de integrar no ego, por haver determinados traumas residuais, ou por esperar que uma reparação venha do mundo exterior.

Em jeito de conclusão, pode-se dizer que a fase da adolescência manifesta-se por uma delineação de conflitos idiossincráticos e uma hierarquia de pulsões que serão transformados num sistema unificado e integrado, no final da adolescência. Se o período da adolescência, for vivido de forma adequada e saudável, o adolescente constrói a sua identidade e define sem grandes complicações os seus objectivos de vida, que são contrários aos estabelecidos na infância (em conjunto com os seus pais), cumprindo assim, o trabalho psicológico essencial deste período. Caso tal não seja feito, acontece um atraso ou falha no desenvolvimento, e o seu futuro pode ficar comprometido (Canavarro, 1999; Castro, 2009; Blos, 1998; Matos, 2002; Sobral, 2008). De seguida, apresenta-se um Quadro-Síntese com as principais ideias.

Quadro-Síntese

	<i>Enquadramento teórico</i>
	CARACTERÍSTICAS
PRÉ-ADOLESCÊNCIA	<p>Início da puberdade</p> <ul style="list-style-type: none"> • Aumento quantitativo da pulsão sexual • Reaparecimento da pré-genitalidade <p>Fim do período de latência</p> <p>Não há um objecto novo, nem um alvo para os instintos</p> <p>Ambivalência</p> <ul style="list-style-type: none"> • Desejo e medo em crescer <p>RAPAZES: Importância do grupo constituído por indivíduos do mesmo sexo</p> <ul style="list-style-type: none"> • Socialização da culpa • Evitar o sexo oposto (Ansiedade de Castração) • Escolha de um objecto narcísico <p>RAPARIGAS: Voltam-se p a Heterossexualidade</p> <ul style="list-style-type: none"> • Defesa contra a pressão regressiva da mãe pré-edipiana
INÍCIO DA ADOLESCÊNCIA	<p>Tentativas de separação das representações dos seus primeiros objectos de amor</p> <p>Formação de amigas íntimas e idealizadas entre indivíduos do mesmo sexo</p> <p>Busca de novos valores</p> <p>Ambivalência, instabilidade e incongruência</p> <ul style="list-style-type: none"> • no Ego: nas mudanças de comportamento e nas oscilações de humor • no Objecto: formação de muitas amigas íntimas e idealizadas (indivíduos do mesmo sexo) • no Mundo Exterior: nas capacidades de testar a realidade

PLENA ADOLESCÊNCIA	<p>Surtem novamente os desejos e conflitos edipianos</p> <p>Afastamento dos pais internalizados e muito idealizados</p> <ul style="list-style-type: none"> • Processo de Luto <li style="text-align: center;">↓ • Fase narcísica • Fase heterossexual <p>Criatividade no auge</p> <ul style="list-style-type: none"> • Fantasia • Expressão artística • Comunicação de experiências <li style="text-align: center;">↓ <li style="text-align: center;">Socialização <p>Mecanismos de Defesa</p> <ul style="list-style-type: none"> • Protegem o ego na luta contra os instintos • Pronunciam o aparecimento do carácter; interesses; talentos; opções profissionais • São influenciados pela cultura <li style="text-align: center;">↓ Europeia (Ascetismo; Intelectualização) Americana- <i>Uniformismo</i> (Identificação; Negação; Isolamento)
FINAL DA ADOLESCÊNCIA	<p>Ainda ocorrem mudanças</p> <ul style="list-style-type: none"> • Corporais • Psíquicas (formação e solidificação do carácter) • Sociais <p>Exploração e reconstrução de relações sociais</p> <p style="text-align: center;">↓</p> <p>Repercussões no futuro</p> <ul style="list-style-type: none"> • Académico • Profissional • Amoroso (relações mais íntimas e maduras) <p>Ganhos</p> <ul style="list-style-type: none"> • Capacidade de pensamento abstracto • Definição de conceitos e valores • Reflexão sobre o próprio pensamento • Consolidação do pensamento com a acção <li style="text-align: center;">↓ <li style="text-align: center;">Auto-realização <li style="text-align: center;">Auto-conceito <p>Perda</p> <ul style="list-style-type: none"> • Sensibilidade introspectiva • Imaginação criativa • Iniciativas aventureiras <p>Quando o Ego deixa de assumir o controlo total das pulsões- <i>crises</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • <i>Síndrome da Adolescência prolongada</i> (relutância em dar por encerrada a adolescência) • <i>Falência da adolescência</i> (fracasso total em consolidar as forças contrárias) • <i>Adolescência frustrada</i> (incapaz de superar a crise devido a um ego defeituoso)

PÓS-ADOLESCÊNCIA	<p>Maturação física e emocional</p> <p>Resolução dos Conflitos intrasistémicos</p> <p>↓</p> <p>Consolidação do ego e dos papéis sociais</p> <p>Equilíbrio harmonioso e funcional do ego</p> <ul style="list-style-type: none">• Escolha profissional• Assumir uma relação e/ou maternidade/paternidade• Manter a dignidade e a auto-estima
	<p>Experimentação</p> <ul style="list-style-type: none">• Relações românticas com novos e potenciais objectos de amor <p>↓</p> <p>Integração e delimitação de metas para o resto da vida (de acordo com a sua personalidade e a sua moral)</p>

CAPÍTULO II – MÉTODO

Objectivos da Investigação

Ao longo do desenvolvimento do indivíduo, dão-se reestruturações tanto a nível intrapessoal, como a nível das relações que este estabelece com o seu meio envolvente. De acordo com a perspectiva psicanalítica, as principais mudanças que surgem com a puberdade, relacionam-se mais com os fenómenos internos do sujeito (i.e. na mudança dos objectos internalizados), do que nos fenómenos do comportamento (i.e. arranjar um emprego ou ter relações sexuais) (Blos, 1998). Tendo como variável central deste trabalho, a vinculação parental e a vinculação amorosa, recorre-se à Teoria da Vinculação, por se considerar a vinculação, o conceito-chave que nos permite compreender as relações humanas.

Para a teoria da vinculação, o ser humano está biologicamente preparado para estabelecer laços afectivos com outros significativos. Ao longo de todo o ciclo de vida, tem a necessidade de ter figura(s) de vinculação, que funcione(m) para si como uma *base segura*, dando-lhe sentido de segurança emocional, que lhe permite e estimula, a explorar o mundo, dando-lhe protecção e garantindo-lhe a sobrevivência. Quando é criança, e se encontra perante uma situação que percebe como ameaçadora, activa um repertório de comportamentos (i.é., agarrar, chuchar, seguir, sorrir), dirigidos a uma figura de vinculação primária, até atingir os objectos de vinculação e a segurança. Em articulação com este sistema de vinculação, está outro sistema comportamental, o de exploração. Ambos, funcionam em interdependência, alternância e permanente equilíbrio. Se a criança, ao longo das sucessivas activações e desactivações do sistema de vinculação e exploração, percepção uma acessibilidade, responsividade e disponibilidade emocional por parte da figura cuidadora, para lhe oferecer apoio, desenvolverá com ela uma vinculação segura. Estas aprendizagens são fundamentais para Bowlby (1973, 1977), na construção dos modelos do *self*, construindo uma representação mental (estruturas cognitivas e afectivas), que denominou de *Internal Working Models*. Quando constrói um modelo de si, como alguém merecedor de ser amado, acarinhado, cuidado e atendido por parte dos outros e, um modelo dos outros, como confiáveis para lhe dar apoio, conforto, cuidado e segurança, desenvolve uma vinculação segura. Mas se pelo contrário, a criança percepção a

figura de cuidado como inconsistente nas respostas aos seus pedidos de segurança ou, que os rejeita, a criança desenvolverá uma vinculação insegura, internalizando uma imagem de si própria como não merecedora de ser amada e cuidada (modelo de si) e desenvolve expectativas negativas quanto à disponibilidade e confiança das pessoas significativas (modelo do outro). Estes modelos internos, segundo Bowlby (1973, 1977), tornam-se guias orientadores em relações afectivas futuras, que se vão actualizando, confirmando ou desconfirmando, ao longo do desenvolvimento.

Ainsworth (1982, 1989), também se interessou pelo estudo das interacções entre a criança e a mãe, e desenvolveu um conjunto de observações com base numa situação padrão, denominada *Situação Estranha*, projectada para avaliar a qualidade do laço de vinculação entre a criança e a mãe. Este procedimento laboratorial, foi desenhado para observar o sistema comportamental de vinculação da criança, em situações ameaçadoras da segurança emocional (i. e., várias separações da mãe, num ambiente desconhecido), de forma a compreender de que modo e quando, as crianças procuravam a proximidade e o contacto com as mães, o grau em que aceitavam e eram confortadas por esse contacto, e a facilidade com que na sua presença evidenciavam comportamentos de exploração do ambiente. Ou seja, Ainsworth (1982, 1989), pretendia observar os padrões de vinculação, baseando-se nos comportamentos das crianças relativamente aos episódios de afastamento e reaproximação à figura de vinculação (que servia de porto seguro, ou *base segura*) e a uma outra figura que era desconhecida, distinguindo os laços de vinculação de outros tipos de relações sociais. Descreve a existência de três estilos de vinculação, correspondentes aos padrões de interacção mãe-criança durante essas situações. As crianças que, durante a *situação estranha*, eram facilmente acalmadas pela mãe e retomavam com segurança a exploração quando esta regressava, pertenciam ao grupo que tinha um o *padrão B – seguro*, caracterizado por baixos níveis quer de ansiedade quer de evitamento face à separação da mãe; as que demonstravam ansiedade tanto na presença como na ausência da mãe e que dificilmente eram confortadas quando esta regressava, teriam um *padrão C – inseguro - ansioso/ambivalente*, caracterizado por níveis elevados de ansiedade e baixos de evitamento; e as crianças que não ficam perturbadas com a separação da mãe e resistiam ao seu contacto quando esta regressava, teriam um *padrão A – inseguro-evitante*, caracterizado por baixos níveis de ansiedade e altos de evitamento.

Em 1986, Main e Solomon acrescentam um quarto padrão, que caracteriza as crianças que apresentavam altos níveis quer de ansiedade, quer de evitamento – o *padrão D – desorganizado/*

desorientado. Estas crianças, na situação estranha, apresentavam comportamentos desorganizados e/ou desorientados na presença da mãe (movimentos e expressões incompletas, articulação entre abordagens e evitamento, expressão de confusão e apreensão, paragens comportamentais repentinas).

Hazan e Shaver (1987), alargaram o estudo das relações pais-filhos para o amor romântico na idade adulta. Mas foi Kim Bartholomew (1990, 1991), baseada na noção de *Internal Working Models* (modelos internos dinâmicos) de Bowlby e seguindo a linha de Hazan e Shaver, quem propõe uma estrutura bidimensional dos modelos internos de si e do outro, cujo cruzamento dá origem a quatro protótipos de regulação emocional e de acção em contexto relacional, que são descritos em quatro estilos de vinculação: o *Seguro* (modelo positivo de si e do outro), o *Preocupado* (modelo negativo de si e positivo do outro), o *Amedrontado* (modelo negativo de si e do outro) e o *Desinvestido* (modelo positivo de si e negativo do outro).

Em 1985, Pipp et al., estudaram as relações afectivas que adolescentes tardios estabeleciam com os seus pais, de forma a destacar os aspectos emocionais dessas relações. Por considerarem que as dimensões afectivas das relações podem ter uma componente não verbal, usaram uma medida pictórica e uma medida verbal. A técnica pictórica envolve a representação dos sujeitos através do desenho de círculos, que ilustram as relações que os jovens estabeleceram e estabelecem com cada figura parental em separado, durante cinco momentos do desenvolvimento, desde a infância até à actualidade. Este inovador método retrospectivo, que através de desenhos de círculos estuda a percepção da proximidade emocional (PPE) ou o distanciamento emocional (PDE), teve como conclusão que a distância entre os círculos aumenta com a idade dos jovens e a sua intersecção diminui com a sua idade, exceptuando o momento actual, em que se dá uma reaproximação dos pais. Também foram percebidas diferenças no relacionamento estabelecido com os pais, de acordo com o género (dos jovens e dos pais). Existe uma maior intersecção entre os círculos que representam o jovem e a mãe, do que os que representam o jovem e o pai.

Quando se utilizam instrumentos que fazem apelo às memórias do indivíduo, está-se a analisar segundo Canavarro (1999), os modelos internos dinâmicos de aspectos passados. Ou seja, ao obter informações sobre as experiências relacionais, não se está a avaliar interacções, mas representações individuais dessas experiências. Essas representações, segundo Canavarro (1999) vão sofrendo modificações ao longo da vida.

Desta forma, parte-se do pressuposto que as relações de vinculação parental (VP), são as primeiras relações de vínculo afectivo significativo que o indivíduo estabelece e que vão

influenciar as relações afectivas futuras mas que, as relações significativas estabelecidas presentemente com o par romântico também vão influenciar a percepção das relações parentais que os jovens, estabeleceram ao longo do seu desenvolvimento. Assim, pretende-se com este estudo analisar se existem diferenças na vinculação parental (VP) e na vinculação amorosa (VA) em jovens no final da adolescência, tendo em conta o género, os estilos de vinculação amorosa (EVA) e a história de vida dos indivíduos (i.e. ter tido ou não separação dos pais, ter percebido ou não perturbação emocional nos pais).

Hipóteses

(H1): Espera-se que existam diferenças de género, na VP ao longo do desenvolvimento

Rice et al. (1997), Lopez (1996), Baptista e Lory (1997), encontraram diferenças na vinculação aos pais quanto ao género, sendo os homens a perceberem a relação com a mãe como mais afectuosa. Enquanto, Baptista et al. (1997), verificaram que os rapazes percebem a relação com o pai como mais próxima emocionalmente. Buist et al. (2002), afirmaram parecer existir uma semelhança entre a qualidade da vinculação dos rapazes adolescentes ao pai e, a qualidade da vinculação das raparigas à mãe. Newman (1989) relata que os jovens por volta dos 17 anos, manifestam sentimentos de perda da proximidade emocional dos pais e que os pais, também sofrem um declínio na satisfação do papel de cuidadores. Contudo refere que a relação entre mães e filhas, quando estas atingem os 17 anos, apresenta maior proximidade emocional. Em estudos portugueses (Matos, 2002; Barbosa, 2001; Canavaro, 1999; Neves, 1995) não foram encontradas diferenças de género significativas, relativamente aos padrões de vinculação à mãe e ao pai. No entanto, Matos (2002) verificou que as raparigas, apresentaram valores mais altos na procura de proximidade e de apoio em relação à mãe, e a representam como mais investida emocionalmente. Embora não haja consenso nalguns resultados encontrados, possivelmente por ter havido diferenças na escolha do método (questionário ou entrevista) e da abordagem utilizada (dimensional ou categorial), todos os estudos parecem indicar que em determinado momento da fase da adolescência, há um afastamento das figuras parentais, devido ao fenómeno de desidealização dos pais, e com o aumento da idade do filho(a), aumenta a qualidade da relação parental.

(H2): Espera-se que existam diferenças nas relações que os jovens no final da adolescência estabelecem com o par amoroso, de acordo com o seu gênero e o seu EVA

Estudos que se apoiam no sistema de classificação em quatro protótipos de Bartholomew, verificam uma maior tendência para a prevalência de homens Desinvestidos e mulheres Preocupadas. Contudo, no estudo de Matos (2002), foi verificado que havia maior prevalência de rapazes adolescentes com um EVA Amedrontado e um maior número de raparigas adolescentes com um EVA Preocupado. A elevada percentagem de rapazes Amedrontados, foi interpretada como reveladora das dificuldades sentidas na construção da identidade com um par amoroso, enquanto que a elevada percentagem de raparigas Preocupadas, foi interpretada como tendo uma imagem inconsistente e idealizada acerca dos outros. A autora, também verificou que os sujeitos com um padrão Evitante, tendem a apresentar valores próximos dos Seguros, que na sua perspectiva deve-se a um processo de exclusão defensiva.

(H3): Espera-se que o EVA dos jovens no final da adolescência, esteja relacionado com a PPE às figuras parentais

De acordo com Andrade dos Santos (2005), a vinculação na adolescência, baseia-se em dois pressupostos: 1º) na continuidade do padrão ao longo da vida do indivíduo e; 2º) que a experiência pode levar à mudança ou à continuidade do padrão de vinculação. Por isso, uma vinculação carinhosa aos pais, amigos e namorados(as), é promotora de ajustamento psicossocial, apesar da existência de crises ao longo da vida. Matos (2002) encontrou resultados consistentes que apontam para que sujeitos seguros nas suas relações amorosas, tendem a recordar as figuras parentais de forma mais favorável, do que os sujeitos inseguros (i.e. Preocupados, Amedrontados e Desinvestidos). A recordação da mãe na infância como positiva, permite diferenciar a qualidade da vinculação amorosa dos jovens e adultos. Para Matos (2002), à medida que os sistemas de vinculação e de prestação de cuidados, se tornam mais importantes numa relação amorosa, é de esperar a influência da relação que se estabeleceu com os pais, porque os sistemas são activados de forma mais significativa. De acordo com Bowlby (1973, 1977), a mudança dos modelos internos dinâmicos pode acontecer, caso exista flexibilidade e acessibilidade, sendo a infância e a adolescência, dois períodos onde ocorrem mudanças substanciais, pois o indivíduo ainda está a desenvolver a sua personalidade. Desta forma, espera-se que: 1) os jovens da última fase da adolescência caracterizados como tendo um EVA Seguro, tenham uma PPE aos pais mais constante ao longo do desenvolvimento, e os de EVA Insegura, PPE aos pais mais extremada; 2) que existam valores mais equilibrados nos indivíduos Seguros do que nos Inseguros e; 3) que

haja uma relação de continuidade entre a vinculação parental (VP) e a vinculação amorosa (VA) apresentada.

(H4): Espera-se que a percepção de separação dos pais durante o desenvolvimento do jovem, esteja associada a uma VP e VA insegura.

Quando se fala em separação dos pais, vem logo à ideia o divórcio dos pais. Mas, pode haver separação dos pais, sem que haja uma separação entre os pais (e.g. o caso de ausências por motivos de trabalho ou por doença de um ou ambos os pais, ou porque o jovem vai estudar para uma nova escola/faculdade). Isto porque, de acordo com Andrade dos Santos (2005), o divórcio parental por si só, não parece influenciar directamente as relações de VA. Contudo, se o episódio de separação dos pais, estiver associado a elevados níveis de conflito interparental, poderá ser prejudicial para o desenvolvimento do jovem, principalmente, se este o perceber como tal. Essa percepção, parece ter repercussões não só na fase em que é vivido, mas também noutras fases da vida do indivíduo, tendo como consequência dificuldades no relacionamento com os pais, e VA (Andrade dos Santos, 2005). Os jovens no final da adolescência inseguros, têm demonstrado problemas de funcionamento psicossocial. Moura (2005) verificou que, os padrões de vinculação Amedrontado e Desinvestido, são mais frequentes em adolescentes que percebem conflito interparental.

(H5): Espera-se que exista uma relação entre a percepção de perturbações emocionais dos pais (PPEP), e a VP e VA.

Os jovens no final da adolescência, com uma vinculação insegura, do tipo Preocupado, estão relacionados à presença de sintomatologia depressiva (Allen et al., 1998). Também Homann (1997) afirmou que uma vinculação à mãe, do tipo inseguro pode muitas das vezes estar associada à sintomatologia depressiva do adolescente e/ou da mãe. Um jovem no final da adolescência só se consegue autonomizar dos pais, e consequentemente envolver-se de forma romântica, se os pais (principalmente a mãe) não apresentarem patologia (Sobral, 2008; Marcelli & Braconnier, 2005). Assim sendo, espera-se que os adolescentes que percebem os pais como saudáveis emocionalmente, tenham uma VP e VA mais positivas e satisfatórias. Em contrapartida, os PPEP, espera-se que tenham valores mais extremados de PPE parental.

Delineamento

O presente estudo tem um carácter comparativo. Para tal, foram formados dois grupos: rapazes e raparigas, que se encontram no final da adolescência, com idades compreendidas entre os 16 e os 20 anos

Participantes

A amostra é constituída por 117 sujeitos no final da adolescência (Anexo A), e distingue-se pelas suas características, visto existir uma predominância do género masculino (74 rapazes contra 43 raparigas). A média etária dos sujeitos do presente estudo é de 18 anos (DP= 0. 88).

A população desta amostra, é controlada do ponto de vista da existência de relações românticas actuais ou passadas, com ou sem vínculo forte¹, tendo sido seleccionada a partir de uma amostra total de 127 sujeito. É uma amostra por conveniência do tipo bola de neve (Kumar, 1999). Segundo este autor, este tipo de amostragem é útil quando não existe grande conhecimento do grupo que se pretende estudar. A selecção da amostra fez-se em forma de rede social, começando por 7 elementos, sendo estes constituídos por amigos, estudantes, e professores conhecidos da investigadora, que se disponibilizaram em colaborar, favorecendo o contacto com outros estudantes ou professores do seu conhecimento, de forma a constituir uma amostra total com cerca de 130 pessoas, para ter uma amostra com uma amplitude aceitável. A grande limitação nesta técnica, consiste no facto de a amostra depender da escolha dos indivíduos na primeira fase, podendo provocar um viés, se todos tiverem a mesma opinião ou tido experiências de vida semelhantes (Kumar, 1999). Por esse facto, optou-se por escolher quatro escolas, do distrito de Lisboa, leccionando áreas/cursos diferentes do de Psicologia, de forma a não condicionar a amostra e a ter uma amostra mais heterogénea.

Os indivíduos da amostra são provenientes de uma escola secundária e três faculdades do distrito de Lisboa. Verificou-se que a maioria dos estudantes frequenta o 1º ano do ensino

¹ Ao contrário do estudo pioneiro de Matos (2002), incluiu-se nesta amostra os indivíduos que designaram as suas experiências amorosas como “curtir”, excluindo apenas os indivíduos que nunca tiveram um namoro ou uma “curte”.

¹ Tomou-se essa posição, por considerar-se pertinente para a presente análise, a razão pela qual uns adolescentes tardios assumirem uma relação de namoro e, outros não.

superior. 75.7% dos sujeitos do género masculino frequenta o curso de Engenharia², enquanto que os sujeitos do género feminino, dividem-se entre o curso superior de Literatura (39.5%) e o de Engenharia (32.6%).

Relativamente ao “Estado Civil”, são maioritariamente solteiros (i.e. 97.3% dos rapazes e 93.0% das raparigas), havendo uma pequena parte da amostra que afirma “*A viver junto(a)*” (i.e. 2.7% dos rapazes e 7.0% das raparigas).

Em termos da história familiar dos sujeitos da amostra, a maioria responde que «*Viveu com*» (...) “*Ambos os pais*» (90.3% dos rapazes, contra 81.4% das raparigas). Contudo uma pequena percentagem de sujeitos, afirma ter vivido “*Só com a mãe*” (8.3% no caso dos rapazes e 14.0% no caso das raparigas) e duas percentagens ainda menores, dizem ter vivido “*Só com o pai*” (4.7% das raparigas) ou com “*Outros*” (1.4% dos rapazes). Em relação à pergunta sobre a “*Separação dos pais*” (por um período superior a um mês, não contando com as férias), 69.4% dos rapazes e 72.1% das raparigas, afirmam que tal não aconteceu, contra 30.6% dos rapazes e 27.9% das raparigas que diz ter acontecido. Sobre a percepção dos sujeitos quanto haver (ou ter havido) “*Perturbação emocional dos pais*” durante o seu desenvolvimento, a maioria responde negativamente 77.8% dos rapazes e 72.1% das raparigas, contra 22.2% dos rapazes e 27.9% das raparigas, que responderam “*Sim*”. Relativamente ao nível sócio-económico, esta amostra pertence na sua maioria, a um nível sócio-económico “*Médio*” ou “*Médio-Baixo*”, tendo em conta os valores percentuais mais elevados nas variáveis independentes que caracterizavam a escolaridade e a profissão dos pais.

Procedimento

Para a colheita de dados, procedeu-se em grupo, em contexto de sala de aula ou em sala própria. O tempo médio da aplicação foi de 15 minutos e teve-se em conta as seguintes normas:

1. Pedido de colaboração voluntária³; explicação sobre a natureza do estudo, do tipo de tratamento dos dados e garantia de confidencialidade das respostas (Anexo B).

² Optou-se por agrupar todos os inquiridos que frequentam Engenharia Química, Biológica, Electrónica e de Ambiente, num único grupo, o de Engenharia.

³ Aos menores, foi pedido o consentimento por escrito ao educador de educação. Aos professores, foi pedido o consentimento verbal, após explicação do estudo, marcando um dia e uma hora para a administração dos inquiridos.

2. O preenchimento dos questionários do protocolo foi feito na presença da investigadora do estudo, possibilitando assim o esclarecimento de possíveis dúvidas que pudessem ocorrer no seu decurso.
3. A sequência de preenchimento dos questionários foi determinada seguindo a ordem cronológica das relações: primeiro com os pais (desde a infância até ao presente momento), depois a(s) estabelecida(s) com o(s) parceiro(s) romântico(s) actualmente, mas também devido ao facto de a tarefa de desenho, poder ser mais influenciada (contaminada) por pontuações digitais, do que o contrário (Canavarro, 1997 e 1999; Pipp et al., 1985, p. 993). Assim, foi solicitado aos indivíduos que preenchessem o *Desenho de Círculos Representativos da Família (DCRF)*, e em seguida, o *Questionário de Vinculação Amorosa (QVA)* – Forma J.
4. Após o preenchimento dos questionários, e anexado a estes, constava também uma ficha de identificação do sujeito, bem como, algumas perguntas fechadas sobre a sua história familiar.

Instrumentos

Foi dado a cada jovem um questionário de auto preenchimento, constituído por dois instrumentos avaliativos e uma ficha para preenchimento de dados demográficos (Anexo B).

Desenho de Círculos Representativos da Família (DCRF)

Para avaliar o relacionamento com os pais, foi utilizado o DCRF que tem em conta a PPE do indivíduo em relação a dada um dos pais, durante a infância até ao momento actual.

Este instrumento, foi inicialmente construído por S. Pipp et al. (1985), com o objectivo de avaliar as relações que os indivíduos estabeleceram com os pais durante o seu desenvolvimento. Levitt et al. (1994) descrevem-no como sendo uma técnica que possibilita “*a avaliação de mudanças nas relações estabelecidas com os pais ao longo do ciclo de vida, dificilmente detectadas através de outros indicadores verbais*” (Levitt et al., 1994, p.224). Segundo Canavarro (1999), o DCRF, pode-se classificar como sendo uma técnica “semiprojectiva⁴”, visto permitir obter informações úteis, em termos de uma perspectiva de análise de desenvolvimento.

⁴ Canavarro (1999) utilizou o prefixo “semi”, por considerar que este instrumento não deve ser considerado como um teste projectivo puro, visto o desenho não ser livre e o indivíduo ser informado sobre o significado dos estímulos (círculos como representação de si próprio e dos pais) e das condições (distância representativa da relação). Contudo, de acordo com os autores do *Family Circle Drawing*, este instrumento é um teste projectivo de desenho.

O indivíduo tem um papel activo quando preenche esta escala, porque é-lhe pedido que faça a representação espacial da relação parental, ao desenhar os círculos representativos do pai/mãe e outro de si próprio, por forma a ilustrar a relação com os seus pais e em diferentes alturas do desenvolvimento. No teste de Canavarro (1999), que avalia adultos, são reunidos dez desenhos, cinco para avaliar a relação com a mãe e cinco para avaliar a relação com o pai, desde a infância até à fase adulta. Por o presente estudo se focar na fase final da adolescência (16-20 anos), reduziu-se os momentos avaliativos para quatro, em vez de cinco. Ao todo, tem-se oito desenhos: quatro representativos da relação com a mãe e quatro representativos da relação com o pai, durante: (a) a infância precoce (0-5 anos); (b) a idade escolar (6-10 anos); (c) a adolescência (11-15 anos) e; (d) o final da adolescência (16 até à actualidade). A análise dos resultados pode ser feita com base em diversas modalidades indicadas pelos autores (cf. Pipp et al., 1985, pp. 993-995). Na versão portuguesa adaptada por Canavarro (1999) e adoptada neste estudo, mantiveram-se as indicações, as instruções e o tamanho dos quadrados (3 centímetros de lado) fornecidos na versão original, contudo tal como atrás foi mencionado, suprimiu-se um dos momentos avaliativos. Deram-se instruções, para não desenharem os círculos nas fases em que não possuíam recordações (ou vivências) dos pais. Os indivíduos separados dos pais, mas que mantiveram contactos com eles (i.e. por correspondência, por telefone/Internet ou por visitas pontuais), possibilitando-lhes construir a história de uma relação, foi-lhes pedido que a representassem. Isto, para que a variável “proximidade geográfica” não fosse confundida com a variável “proximidade emocional”.

Para avaliar a relação com os pais, optou-se pela medição da distância em milímetros, entre os centros dos dois círculos, de acordo com um dos critérios de cotação recomendados por Pipp et al. (1985) e Canavarro (1999). Pipp et al. (1985) referem aspectos da validade do instrumento, para este tipo de análise dos resultados, indicando que a distância entre os dois círculos está positiva e significativamente correlacionada com questionários de auto-resposta de independência ($r = - .57$) e de amor ($r = .60$) com os pais. Os estudos psicométricos do instrumento adaptado à população Portuguesa revelaram que, para ambos os progenitores, a distância percebida aumenta ao longo do ciclo de vida e, as médias para cada um dos períodos etários, não revelaram qualquer sensibilidade ao efeito do sexo (Canavarro, 1999).

Questionário de Vinculação Amorosa (QVA)

O QVA é uma escala que foi construída e desenvolvida para a população portuguesa por Matos, Barbosa e Costa (2001), tendo neste estudo sido utilizada a versão revista da escala. Este instrumento de autorelato, e é constituído por 52 itens, que pretendem avaliar as percepções dos adolescentes e jovens adultos acerca das suas relações românticas, bem como ilustrar os quatro EVA definidos por Bartholomew (1990): Seguro, Preocupado, Amedrontado e Desinvestido. Tem por base na sua construção, a teoria da vinculação de Ainsworth (1989) e Bowlby (1973, 1977), assim como o modelo de avaliação da vinculação de Bartholomew (Bartholomew, 1990; Bartholomew & Horowitz, 1991). Está organizado segundo quatro dimensões: *Confiança* (13 itens), que avalia as percepções do sujeito relativamente à responsividade e à sensibilidade do par amoroso para satisfazer as suas necessidades, percepcionado como fonte de conforto, apoio, e uma base segura que constitui um incentivo à exploração; *Dependência* (13 itens), que avalia a necessidade de proximidade física e emocional, a ansiedade de separação e o medo da perda; *Ambivalência* (13 itens), que avalia a insegurança do sujeito, caracterizada por uma forte irritabilidade face a situações imprevisíveis, assim como a dúvida relativamente ao papel que desempenha enquanto companheiro amoroso e às suas próprias emoções, em relação ao seu par; *Evitamento* (13 itens), que se refere ao papel secundário que o companheiro ocupa no preenchimento das suas necessidades de vinculação, bem como a centração do sujeito na sua capacidade de resolução de problemas. Os sujeitos posicionam-se numa escala tipo *Likert*, de 6 pontos (de (1) *Concordo totalmente* a (6) *Discordo totalmente*), acerca do que sentem e pensam a respeito da relação romântica que estabelecem/estabeleceram com o par romântico. Nesta escala, os itens 14, 17, 24, 37 e 49, da escala de Confiança, estão formulados no sentido contrário ao dos outros itens (i.e. de (1) *Discordo totalmente* a (6) *Concordo totalmente*). O resultado de cada subescala, é dado pela soma aritmética dos itens que a constituem. A utilização deste instrumento, é utilizado em diversos estudos com amostras independentes, e tem demonstrado boas qualidades psicométricas (Andrade dos Santos, 2005; Barbosa, 2002), apresentando *alfas de Cronbach* superiores a .80.

Questionário Demográfico

Com os dados, é possível caracterizar melhor a amostra tendo presente outras variáveis independentes, consideradas relevantes para o presente estudo. Desta forma, foram formuladas as seguintes questões (de acordo com o modelo proposto por Canavarro, 1999):

1. “Com quem viveste durante a tua infância e adolescência?” Havendo como opções: (a) “Com ambos os pais”, (b) “Só com a mãe”, (c) “Só com o pai” e (d) “Outros”. Se a resposta era “Outros” perguntava-se: 1.1. “Quem tomou conta de ti?”.
2. “Durante algum período da tua vida, estiveste separado dos teus pais por períodos superiores a um mês (não contando com as férias)”? Se a resposta era afirmativa, perguntava-se: (2.1.) “De quem é que estiveste separado?”; (2.2.) “Que idade tinhas nessa ocasião?”; (2.3.) “Quem é que tomou conta de ti nesse período?” (2.4.) “Qual o principal motivo da separação?”.
3. “Durante a tua infância e adolescência, algum dos teus pais fez tratamento psiquiátrico ou psicológico, ou consideras que tenha sofrido algum momento de grande tristeza (superior a 2 meses)?” Se a resposta era “Sim”, pedia-se que respondesse “Quem?” (a) “Mãe”, (b) Pai ou (c) Ambos. Definindo a situação: 3.1.1. “Pai fez/teve_____”; 3.1.1. “Mãe fez/teve_____”; e 3.1.2: “Que idade tinhas nessa(s) ocasião(ões)?”.

CONCLUSÃO

Tendo por base o conceito de adolescência e a teoria da vinculação, este trabalho procurou contribuir para a compreensão das relações de vinculação no final da adolescência, realçando também a importância do contexto familiar, nomeadamente a separação dos pais e o conflito interparental, como factores de risco que podem contribuir para crises na adolescência (i.e. *adolescência prolongada, falência da adolescência, adolescência frustrada*). A adolescência é uma nova situação social, onde ocorrem mudanças de várias ordens: orgânicas, cognitivas, relacionais e sociais.

No primeiro capítulo desta investigação, pretendeu-se compreender o período da adolescência, tendo presente a perspectiva psicanalítica de Blos. Segundo o autor, o período da adolescência manifesta-se por uma delimitação de conflitos idiossincráticos e uma hierarquia de pulsões que serão transformados num sistema unificado e integrado, no final da adolescência. Se o período da adolescência, se desenvolver de forma adequada e saudável, o adolescente constrói a sua identidade, define os seus objectivos de vida, cumprindo assim, o trabalho psicológico essencial desta fase.

No segundo capítulo, salientou-se a importância da teoria da vinculação, que serve de base a muitos estudos ligados à temática das relações e permite compreender as relações afectivas com as pessoas significativas. Kim Bartholomew, propôs uma estrutura bidimensional dos modelos internos de si e do outro, cujo cruzamento dá origem a quatro protótipos de regulação emocional e de acção em contexto relacional. Esses quatro estilos de vinculação: o *Seguro* (modelo positivo de si e do outro), o *Preocupado* (modelo negativo de si e positivo do outro), o *Amedrontado* (modelo negativo de si e do outro) e o *Desinvestido* (modelo positivo de si e negativo do outro), foram usados para caracterizar a amostra do presente trabalho. Assim, partiu-se do pressuposto, que os indivíduos com diferentes estilos de vinculação amorosa tinham diferentes percepções das suas relações com os pais, em função dos seus modelos internos dinâmicos de si próprio e dos outros, do seu género e da sua história de vida.

A percepção da representação pictórica da VP e os EVA dos jovens no final da adolescência, foram tomados como ponto de partida para o presente estudo. Pretendia-se compreender se existia uma relação ou continuidade, entre o EVA e o VP desenvolvido ao longo do ciclo de vida; e, como se caracterizavam os relacionamentos românticos dos jovens, tendo em conta inicialmente a idade e o género, e depois, o EVA e a percepção de separações dos pais e/ou PPEP. Os resultados sugerem que a distância entre os círculos, que representam a PPE/PDE aos pais, aumenta com a idade dos adolescentes, exceptuando o último período de desenvolvimento (16-actualidade), em que se dá uma reaproximação à mãe por parte das raparigas. Verificou-se haver diferenças significativas na PPE/PDE somente na relação com a mãe, durante os três primeiros períodos do desenvolvimento (1-5anos; 6-10 anos; 11-15 anos). Sendo os rapazes a perceberem maior PE à mãe, em comparação com as raparigas, no primeiro e no terceiro períodos, e as raparigas a perceberem maior PE à mãe, no segundo período do desenvolvimento. Estes dados, foram parcialmente semelhantes aos de Pipp (1985) e aos de Canavaro (1999), na medida em que foram detectadas diferenças de PDE aos pais à medida que a idade aumentava. E também foram semelhantes aos de Rice et al. (1996), Lopez (1996), Baptista e Lory (1997) e Newman (1989), porque foram encontradas diferenças significativas na PPE/PDE em termos de género, observando-se uma maior PPE à mãe, ao longo do desenvolvimento, por parte dos rapazes e uma maior reaproximação da mãe, no último período de desenvolvimento (16-actualidade), apenas por parte das raparigas. Foram encontradas diferenças significativas, na relação com a mãe nos três primeiros períodos do desenvolvimento (1-5; 6-10; 11-15 anos). Sendo os rapazes, a perceberem maior PE à mãe no primeiro e no terceiro períodos, e as raparigas, a perceberem maior PE no segundo período do desenvolvimento. No último período de desenvolvimento (16-actualmente), não foram encontradas diferenças significativas em termos de género, mas verificou-se uma reaproximação das raparigas à mãe, como verificado noutros estudos

Quando analisadas as dimensões da VA que compõem o QVA, verificou-se que não só existiam diferenças entre rapazes e raparigas em termos de EVA ao par amoroso (i.e. encontrou-se nesta amostra, uma maior prevalência de rapazes Seguros e de raparigas Preocupadas), mas também que entre os jovens com o mesmo EVA. Por exemplo, as raparigas Seguras comparativamente com os rapazes Seguros, referem mais estar presentemente a namorar, terem namoros mais duradouros e envolverem-se mais nos relacionamentos amorosos.

Ao analisar a PPE/PDE dos adolescentes à luz do seu EVA, verificou-se que os adolescentes de EVA Inseguro, apresentavam valores médios mais extremados de PPE/PDE à mãe, quando comparados com os de EVA Seguro. Tendo-se concluído que relacionamentos mais saudáveis e íntimos ao par amoroso, estão associados a valores moderados de PPE/PDE à mãe. Por outro lado, valores extremos de PPE/PDE à mãe (i.e. de grande PE/DE à mãe) estão associados a relacionamentos caracterizados por dependência, evitamento e ambivalência, típicos dos EVA Preocupado, Amedrontado e Desinvestido.

Os relacionamentos românticos dos jovens com um EVA Seguro, presentemente a namorar à mais de 1 ano e com um nível de envolvimento alto, são caracterizados como tendo um relacionamento íntimo e saudável, porque apresentam valores mais moderados de Confiança, Dependência, Ambivalência e Dependência. Enquanto os jovens com EVA Seguro, que namoram ou já namoraram, mas que têm relacionamentos de menor duração, são caracterizados por ter relacionamentos de pré-intimidade. Já os relacionamentos românticos, dos que têm um EVA inseguro podem significar incapacidade para desenvolver uma relação íntima e/ou por evitarem totalmente o envolvimento amoroso. Esta conclusão corrobora com a ideia de que são relações de *esteriotipia*, apenas funcionais (Costa, 2005; Ferreira & Jorge, 2008; Sá, 2003). Uma explicação para esse facto, pode ser por ainda não terem reunido as condições psíquicas necessárias para desejarem investir numa relação íntima e com perspectivas a longo prazo. Outra explicação, é pelo *uniformismo* desse tipo de relacionamentos na nossa sociedade. Hoje em dia, os jovens europeus, tal como os jovens americanos caracterizados por Blos (1998), são mais regulados pela sociedade e isso, faz com que adoptem determinados comportamentos por conformismo ao grupo. Isso acaba por banalizar os relacionamentos amorosos, mais focados no seu interesse narcísico. Como consequência, e de acordo com Blos (1998), dá-se o prolongamento da adolescência, manifestada por problemas de identidade e superficialidade emocional.

As relações dos jovens com um EVA Preocupado, são caracterizadas por bastante insatisfação ao nível do apoio recebido do par romântico. Contudo, mantêm essa relação durante mais tempo e com maior investimento emocional, devido à grande dependência e necessidade de reconhecimento que sentem. Por fim, os Amedrontados, são caracterizados por terem bastante ambivalência dos seus relacionamentos amorosos. Desejam ter intimidade, mas ao mesmo tempo, temem-na. Por isso, namoram, mas as suas relações são menos duradouras

do que as dos de EVA Preocupado. De acordo com os resultados e com a abordagem teórica, parece que todos os EVA inseguro (Preocupado, Amedrontado e Desinvestido), estão relacionados com dificuldades na consolidação do ego com os conteúdos psíquicos (Blos, 1998). Sempre que essas dificuldades ocorrerem, pode haver fracassos de adaptação, deformações do ego, manobras defensivas ou patologia severa, por o ego não assimilar os “fenómenos residuais” (i.e. angústias que vão passando as fases da adolescência sem serem resolvidos). Se tal acontecer, vai debilitar a auto-realização e o auto-conceito do indivíduo, dando-se o *prolongamento da adolescência* (i.e. quando o ego não consegue assumir o controlo total), a *falência da adolescência* (i.e. quando o ego não é capaz de consolidar as pulsões contrárias; os objectos primários internalizados, estão deformados) ou a *adolescência frustrada* (i.e. incapacidade de superar a crise, por ter um ego defeituoso; os objectos primários internalizados, estão deformados).

Neste estudo, considerou-se também a percepção que os jovens têm sobre terem tido um período de separação dos pais, superior a um mês (não contando com as férias) e/ou, PPEP. Ao comparar estes grupos, verificou-se que existia uma maior prevalência DE aos pais e ao par romântico, bem como valores mais extremados de PPE/PDE aos pais e ao par romântico, nos indivíduos que percepcionavam separação ou PPEP, durante o seu desenvolvimento. Desta forma, conclui-se que estas situações, quando percepcionadas como negativas pelo jovem, parecem contribuir para uma menor VA no final da adolescência.

Tendo em conta que as relações significativas com o par amoroso no final da adolescência, têm um papel preponderante para as relações desenvolvidas no estado adulto, espera-se que este estudo tenha contribuído para a compreensão da VP, VA e da relação, em função do género (dos adolescentes e das figuras parentais), do EVA e da percepção da história pessoal do jovem no final da adolescência. Efectivamente são necessárias mais investigações para compreender a complexidade da relação entre estes dois tipos de vinculação, até porque, uma das limitações do estudo, foi precisamente, não ter uma amostra mais alargada e homogénea em todas as dimensões dos QVA e em todos os EVA. Por isso, sugere-se para futuros estudos, replicar esta investigação com uma amostra maior. Um factor que não foi estudado e que parece ser relevante, é a relação existente entre o jovem e outras figuras significativas, que tenha considerado tão ou mais importantes para o seu desenvolvimento, para além dos pais (i.e. avó, tia, irmão, etc.). Pois o indivíduo, pode não ter

desenvolvido uma vinculação Segura com um dos pais, mas ter desenvolvido com um outro “objecto substituto”. Outro factor que também não foi explorado neste trabalho, e que poderá ser interessante para compreender melhor esta relação entre VP e VA, é saber se os jovens têm ou tiveram algum tipo de PPEP. Este factor, parece ser determinante para uma perspectiva mais positiva ou negativa dos acontecimentos presentes e passados.

Para finalizar, sublinha-se a importância de estudar as percepções das relações significativas ao longo do ciclo de vida do indivíduo, de acordo com o seu EVA, para aprofundar o conhecimento da construção e dissolução das relações afectivas presentes e actuais. Ao estudar-se o final da adolescência, o presente trabalho pretendeu analisar as representações dos jovens sobre a vinculação parental e vinculação amorosa, num importante período de desenvolvimento em que se explora e reconstrói relações sociais que têm repercussões no futuro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Ainsworth, M. (1982). Attachment: Retrospect and prospect. In C. M. Parkes & J. Stevenson-Hinde (Eds.), *The place of attachment in human behavior* (pp. 3-30). New York: Basic Books.
- Ainsworth, M. D. (1989). *Attachments beyond infancy*. *American Psychology*, 44, 709-716.
- Allen, Moore, Kupperminc, & Bell, (1998). Attachment and adolescent psychosocial functioning. *Child Development*, 69, 1406-1419.
- Andrade dos Santos, R. (2005). *Conflito interparental e sensibilidade à rejeição: implicações na vinculação romântica*. (Tese de Mestrado em Psicologia Clínica). Porto: Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação
- Baptista, A., Lory, F. (1997). Questionário de ligação parental. Validação para a população portuguesa da Parental Bonding Instrument.- PBI. *Actas da V Conferência Internacional sobre Avaliação Psicológica: Formas e Contextos*, Vol. 5, (pp. 859-868). Braga: Associação dos Psicólogos Portugueses.
- Barbosa, R. (2001). *A vinculação aos pais e a imagem corporal de adolescentes e jovens*. (Tese de Mestrado em Psicologia Clínica). Porto: Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação
- Bartholomew, K. & Horowitz, L. M. (1991). Attachment styles among young adults: A test of a four-category model. *Journal of Personality and Social Psychology*, 61, 226-244.
- Bartholomew, K. (1990). Avoidance of intimacy: An attachment perspective. *Journal of Social and Personal Relationships*, 7, 147-178.

- Beyers, W. & Goossers, L (2008). Dynamic of perceived parenting and identity formation in late adolescence. *Journal of Adolescence*, 165-184.
- Blos, P. (1998). *Adolescência: Uma Interpretação Psicanalítica*. São Paulo: Martins Fontes. (Tradução do original em francês *On Adolescence*: Glencoe, Inc. 1962).
- Bowlby, J. (1973). *Attachment and Loss, Vol.2: Separation, anxiety and anger*. New York: Basic Books.
- Bowlby, J. (1977). The making and breaking of affectional bonds. *British Journal of Psychiatry*, 130, 201-210, 421-431.
- Buist, K., Dekovic, M., Meeus, W., Aken, M., (2002). Developmental Patterns in Adolescent Attachment to mother, Father and Sibling. *Journal of Youth and Adolescence*, Vol. 31, 3, pp. 167-176.
- Castro, A. V. (2009, Maio 27). A Coragem de ser Eu. *Revista Pais & Filhos*, (4). Consultado em Outubro 12, 2009 from http://www.paisefilhos.pt/index.php?option=com_content&task=view&id=1436&Itemid=102
- Canavarro, M. C. (1999). *Relações afectivas e saúde mental*. Coimbra: Quarteto Editora.
- Coimbra de Matos, (2003). *Mais Amor menos doença*. Lisboa: Climepsi
- Costa, M. E. (2005). *À procura da intimidade*. Porto: Edições Asa.
- Fonseca, H. (2005). *Viver com adolescentes*. Lisboa: Editorial Presença.
- Kumar, R. (1999). *Research methodology. A step-by-step guide for beginners*. London: Sage Publications Ltd

- Hazan e Shaver (1987). Romantic love conceptualized as an attachment process. *Journal of Personality and Social Psychology*, 52, 511-524.
- Homann, E. (1997). Attachment and affect regulation in depressed mothers and their adolescent daughters. Paper presented at the biennial meeting of the society for research in child development (62nd, Washinton, DC, April 3-6, 1997).
- Lopez, F. G. (1996). Attachment-related predictors of constructive thinking among college students. *Journal of Conseling & Development*, 75, 58-63.
- Main, M., & Solomon, J. (1986). Discovery of a new, insecure-disorganized/disoriented attachment pattern. In T. Brazelton & M. Yogman (Eds.), *Affective development in infancy*. Norwood: Able
- Marcelli, D. & Braconnier, A. (2005). *Adolescência e psicopatologia*. Lisboa: Climepsi.
- Matos, P. M. (2002). *(Des)continuidades na vinculação aos pais e ao par amoroso em adolescentes* (Tese de Mestrado em Psicologia Clínica). Porto: Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação
- Matos, P. M. & Costa, M. E. (2006). Vinculação aos pais e ao par amoroso em adolescentes. *Psicologia*. 20 (1), 97-126.
- Moura (2005). *A vinculação aos pais e relações familiares na adolescência* (Tese de Doutoramento em Psicologia Clínica). Porto: Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação.
- Neves, L. (1995). *Suporte emocional na adolescência. A importância dos pais e dos amigos em momentos de transição escolar* (Tese de Mestrado em Psicologia Clínica). Coimbra: Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação.
- Newman, B. (1989). The changing nature of the parent-adolescent relationship from early to late adolescence. *Adolescence*, 96, 915-924.

- Pipp, S., Shaver, P., Jennings, S., Lamborn, S. & Fischer, K. W. (1985). Adolescent's theories about the development of their relationships with parents. *Journal of Personality and social psychology*, 48(4), 991-1001.
- Rice, K. G., Cunningham, T. J., & Young, M. B. (1997). Attachment to parents, social competence, and emotional well-being: A comparison of black and white late adolescents. *Journal of Counseling Psychology*, 44, 89-101.
- Sá, E. (2003). *Adolescentes- somos nós*. Lisboa: Fim de Século.
- Sardo, M. (1997). *Estudo exploratório sobre a identidade dos adolescentes*. (Tese de Mestrado em Psicologia Clínica). Lisboa: Instituto Superior de Psicologia Aplicada
- Seiffge-Krenker (2006). Leaving home or still in the nest? Parent-child relationships and psychological health as predictors of different leaving home patterns. *Developmental psychology*, 42, 864-876.
- Shaffer, D. R. (2005). *Psicologia do Desenvolvimento: Infância e Adolescência*. São Paulo: Thomson. (Tradução do original em inglês *Developmental psychology. Childhood and adolescence*. Wadsworth: Cengage, 2002).
- Sobral, M. (2008). *Relações entre medo da intimidade, vinculação e divórcio parental*. (Tese de Mestrado em Psicologia Clínica). Porto: Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação
- Sprinthall, N. & Collins, W. (2003). *Psicologia do adolescente* (3ª ed.). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian
- Steinberg, L. (2008). *Adolescence* (8ª ed.). New York: Mc Graw Hill

ANEXOS

ANEXO A

QUADRO
Variáveis descritivas gerais dos adolescentes

	Amostra Total (N=117)	
	Rapazes (n=74)	Raparigas (n=43)
Idade		
Média	18.43	18.67
Mediana	18.00	19.00
Moda	18	18
Escolaridade		
11º ano	8.1%	2.3%
1º ano	75.7%	76.7%
2º ano	14.9%	16.3%
3º ano	1.4%	4.7%
Área/ Curso		
Música	6.8%	14.0%
Literatura	5.4%	39.5%
Finanças	4.1%	9.3%
Engenharia	75.7%	32.6%
Programação	8.1%	4.7%
Estado Civil		
Solteiro(a)	97.3%	93%
A viver junto(a)	2.7%	7,0%
Viveu com		
Ambos os pais	90.3%	81.4%
Só com a mãe	8.3%	14.0%
Só com o pai	—	4.7%
Outros	1.4%	—
Separação dos pais		
Sim	30.6%	27.9%
Não	69.4%	72.1%
Perturbação emocional dos pais		
Sim	22.2%	27.9%
Não	77.8%	72.1

Escolaridade da mãe		
Básico	16.2%	11.6%
Secundário	39.2%	41.9%
Curso Técnico	—	2.3%
Bacharelato	4.1%	7.0%
Licenciatura	23.0%	23.3%
Mestrado	9.5%	2.3%
Doutoramento	2.7%	—
Não sabe ou não responde	5.4%	11.6%
Escolaridade do pai		
Básico	18.9%	19.0%
Secundário	36.5%	45.2%
Curso Técnico	1.4%	—
Bacharelato	2.7%	2.4%
Licenciatura	27.0%	21.4%
Mestrado	5.4%	—
Doutoramento	2.7%	2.8%
Não sabe ou não responde	5.4%	11.9%
Camada ocupacional da mãe		
Camada I (profissões de elevada competência)	8.2%	2.3%
Camada II (profissões de competência média)	17.8%	32.6%
Camada III (funcionários de serviços ou pequenos comerciantes)	41.1%	27.9%
Camada IV (trabalhadores não especializados ou trabalhadores manuais)	5.5%	9.3%
Camada V (reformados)	16.4%	11.6%
Camada VI (desempregados)	6.8%	9.3%
Não sabe ou não responde	4.1%	7.0%
Camada ocupacional do pai		
Camada I (profissões de elevada competência)	8.2%	11.6%
Camada II (profissões de competência média)	27.4%	18.6%
Camada III (funcionários de serviços ou pequenos comerciantes)	38.4%	41.9%
Camada IV (trabalhadores não especializados ou trabalhadores manuais)	15.1%	16.3%
Camada V (reformados)	2.7%	2.3%
Camada VI (desempregados)	4.1%	2.3%
Não sabe ou não responde	4.1%	7.0%

QUADRO
Variáveis descritivas específicas dos adolescentes

	Grupo			
	Rapazes		Raparigas	
	n	%	n	%
Separado dos pais				
Sim	22	30.6	12	27.9
Não	50	69.4	31	72.1
Separado de				
ambos	11	50.0	3	25.0
só da mãe	1	4.5	—	—
só do pai	10	45.5	9	75.0
Período de vida do jovem quando ocorreu a separação dos pais				
Infância (5-9 anos)	7	33.3	4	33.3
Pré e Início da adolescência (10-12 anos)	1	4.8	4	33.3
Plena adolescência (13-15 anos)	7	33.3	2	16.7
Final da adolescência (16-20 anos)	5	23.8	—	—
Infância e plena adolescência	1	4.8	1	8.3
Pré-adolescência até à actualidade	—	—	1	8.3
Quem tomou conta quando ocorreu a separação				
Mãe	9	40.9	6	50.0
Outros familiares	7	31.8	4	33.3
Outros não familiares	2	9.1	—	—
O próprio	4	18.2	—	—
Mãe e outros familiares	—	—	2	16.7
Pai e outros familiares	—	—	—	—
Motivo da separação				
Escola ou ida para a faculdade	9	40.9	2	16.7
Trabalho de um dos pais	5	22.7	3	25.0
Conflito interparental	4	18.2	3	25.0
Outros motivos	2	9.1	1	8.3
Divórcio ou separação	2	9.1	2	16.7
Não sabe ou não responde	—	—	1	8.3
Perturbação emocional dos pais				
Sim	16	21.6	12	27.9
Não	56	75.7	31	72.1
Quem teve ou tem Perturbação Emocional				
Mãe	7	43.8	6	54.5

Pai	3	18.8	1	9.1
Ambos	6	37.5	4	36.4
Perturbação emocional da mãe				
Sintomatologia depressiva	12	92.3	8	80.0
Tratamento psicológico ou psiquiátrico	1	7.7	2	20.0
Perturbação emocional do pai				
Sintomatologia depressiva	7	87.5	2	50.0
Tratamento psicológico ou psiquiátrico	1	12.5	2	50.0
Período de vida do jovem quando percebe a PEm dos pais				
Infância (5-9 anos)		—	1	9.1
Pré e Início da adolescência (10-12 anos)	4	25.0		—
Plena adolescência (13-15 anos)	3	18.8	3	27.3
Final da Adolescência (16-20 anos)	4	25.0	2	18.2
Infância e plena adolescência	4	25.0	3	27.3
Pré adolescência e adolescência	—	—	2	18.2
Adolescência e final da adolescência	1	6.3	—	—

ANEXO B



Instituto Superior de Psicologia Aplicada

Lisboa, Dezembro de 2008.

Exmo(a) Sr(a) Encarregado(a) de Educação,

Está a ser realizado pelo Instituto Superior de Psicologia Aplicada, um projecto de investigação, com o objectivo de conhecer melhor os jovens portugueses, nas relações que têm com as figuras mais próximas, como os pais e o(a) namorado(a). Por isso, peço-lhe o seu consentimento para a colaboração do(a) seu(sua) filho(a), no preenchimento de diferentes inquéritos.

Os resultados dos inquéritos são estritamente confidenciais. E os dados biográficos e demográficos que lhe serão solicitados, servem apenas para caracterizar a amostra na sua totalidade.

Agradeço antecipadamente, e fico a aguardar a sua resposta.

Estou ao seu dispor para qualquer esclarecimento, através do telemóvel: 96 707 85 08.

Com os melhores cumprimentos.

Susana Isabel Barros Batalha
(Investigadora)



Instituto Superior de Psicologia Aplicada

Caro(a) jovem,

Está a ser realizado pelo Instituto Superior de Psicologia Aplicada, um projecto de investigação, com o objectivo de conhecer melhor os jovens portugueses, nas relações que têm com as figuras mais próximas, como os pais e o(a) namorado(a). A tua escola foi seleccionada para fazer parte da amostra estudada e, por isso, peço a tua colaboração no preenchimento dos questionários.

Os resultados dos inquéritos são estritamente confidenciais e não serão mostrados a ninguém. E os dados biográficos e demográficos que te são solicitados, servem apenas para caracterizar a amostra na sua totalidade.

Pretende-se que sejas o mais sincero(a) possível e que dêes a tua opinião relativamente a diferentes questões. Não existem respostas certas nem erradas, nem se procura avaliar se estás a dizer a verdade. O que interessa é que respondas de acordo com aquilo que sentes e pensas. Sempre que tiveres alguma dúvida, basta levantar o dedo, que irei ao teu encontro para responder às tuas questões.

A participação é voluntária.

Agradeço já a tua colaboração, com os melhores cumprimentos

Susana Isabel Barros Batalha
(Investigadora)

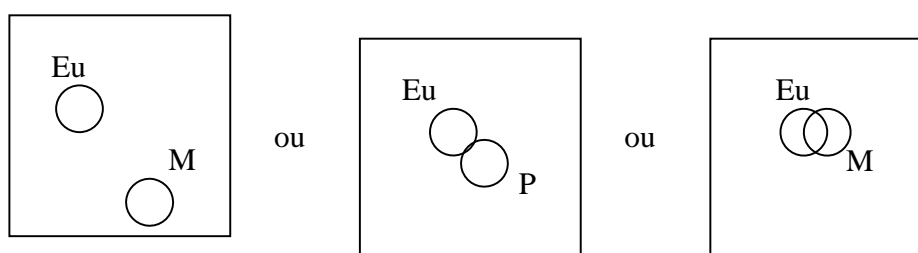
Desenho de Círculos Representativos da Família

(S. Pipp, P. Shaver, S. Jennings, S. Lamborn & K. W. Fischer, 1985)

Versão: M. C. Canavarro, 1995

INSTRUÇÕES: Em cada quadrado, desenha dois círculos, um representativo do teu pai ou mãe e outro de ti próprio. Coloca-os, um em relação ao outro **da forma que melhor pensas ilustrar a tua relação com os teus pais na altura em que tinhas as idades indicadas**. Desenha separadamente, a relação com o teu pai e com a tua mãe. Marca um círculo representativo de ti próprio com “**Eu**”, o da tua Mãe com “**M**” e o do teu Pai com “**P**”.

Por exemplo:



Relação com a Mãe

1-5 Anos	6-10 Anos	11-15 Anos	16-Actualmente

Relação com o Pai

1-5 Anos	6-10 Anos	11-15 Anos	16-Actualmente

QVA

(Paula Mena Matos e Maria Emília Costa , 2001)

Versão para Investigação III- Forma J

INSTRUÇÕES: Este questionário procura descrever diferentes maneiras das pessoas se relacionarem com o (a) namorado (a). Lê atentamente cada uma das frases e assinala com um círculo a resposta que melhor exprime o modo como te sentes na relação com o (a) teu (tua) namorado (a).

- Se **actualmente não tens** um namorado(a), mas já tiveste no passado, responde ao questionário, referindo-te à **relação mais duradoura**.
- Se **nunca tiveste um(a) namorado(a)**, responde ao questionário, **imaginando como gostarias** que fosse uma relação de namoro.
- Se **nunca tiveste um(a) namorado(a)**, mas **tens “curtido”**, responde ao questionário, referindo-te a essas experiências.

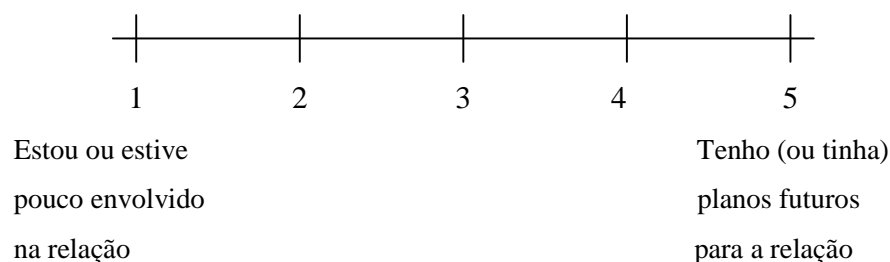
Antes de começar a responder, assiná-la com uma cruz a opção que corresponde ao que actualmente se passa contigo. Se optares por uma das duas primeiras alíneas, indica também quanto tempo dura ou durou a relação com o (a) teu (tua) namorado (a).

Duração da relação

- | | | |
|--|--------------------------|-------|
| Neste momento tenho namorado(a). | <input type="checkbox"/> | _____ |
| Já namorei, mas neste momento não tenho ninguém. | <input type="checkbox"/> | _____ |
| Nunca tive nenhum namorado(a). | <input type="checkbox"/> | |
| Nunca tive nenhum namorado (a), mas tenho “curtido”. | <input type="checkbox"/> | |

Quantas relações significativas já tiveste? _____

Se actualmente tens namorado(a) ou se já namoraste, caracteriza o **teu nível de envolvimento** na relação, assinalando com uma cruz:



Para cada frase, responde de acordo às seis alternativas que se seguem:

Discordo totalmente	Discordo	Discordo moderadamente	Concordo moderadamente	Concordo	Concordo totalmente
1	2	3	4	5	6

- | | | | | | | | |
|-----|---|---|---|---|---|---|---|
| 1. | O(A) meu(minha) namorado(a) respeita os meus sentimentos. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 2. | Fico muito nervoso(a) se não consigo encontrar a(o) minha(meu) namorada(o) quando preciso dele(dela). | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 3. | O apoio dela(e) não é importante para mim. Sei que sou capaz de resolver as coisas sozinho(a) | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 4. | Gostava de ser a pessoa mais importante para ela(e), mas não estou certo(a) de que assim seja. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 5. | A (O) minha(meu) namorada(o) compreende-me. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 6. | Só consigo enfrentar situações novas, se ele(a) estiver comigo. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 7. | É-me indiferente, quando ela(e) prefere passar o tempo com outras pessoas. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 8. | Às vezes sinto admiração por ele(a); outras vezes não. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 9. | Fico irritado(a) quando combinamos coisas juntos e ela(e) não pode estar comigo. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 10. | Não sei o que me vai acontecer se a nossa relação terminar. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 11. | Na minha vida, a minha relação de namoro é secundária. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 12. | Sei que posso contar com a(o)minha(meu) namorada(o) sempre que precisar dela(e). | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 13. | Sinto-me posta(o) de lado, quando ele(a) decide passar o tempo com outras pessoas. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 14. | Discutir assuntos com ela(e) é uma perda de tempo e não leva a lado nenhum. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 15. | Quando não podemos estar juntos, sinto-me abandonado(a). | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 16. | Para me sentir bem comigo própria(o), são mais importantes outras coisas do que o(a) meu (minha) namorado(a). | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 17. | Desagrada-me a maneira de ser do(a) meu(minha) namorado(a). | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 18. | Sei que, se a minha relação terminar, isso não me vai afectar muito. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 19. | Ele(a) dá-me coragem para enfrentar situações novas. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 20. | Fico furiosa(o) quando preciso do apoio do meu(minha) namorado(a) e não posso contar com ele(a). | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 21. | Eu e o(a) meu(minha) namorado(a) é como se fôssemos um só. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 22. | Fico muito nervosa(o) quando penso que posso perder o(a) meu namorado(a). | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 23. | Prefiro que ele(a) me deixe em paz e não ande sempre atrás de mim. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 24. | Não gosto de lhe pedir apoio porque sei que nunca me compreenderia. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 25. | Ela(e) tem uma importância decisiva na minha maneira de ser. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 26. | Tenho sempre a sensação de que a nossa relação vai terminar. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 27. | Sempre achei que. Apesar de gostar do (a) meu(minha) namorado(a), não vou sentir muito a falta dele(a) se a relação terminar. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |

Discordo totalmente	Discordo	Discordo moderadamente	Concordo moderadamente	Concordo	Concordo Totalmente
1	2	3	4	5	6

28.	Às vezes acho que ela(e) é fundamental na minha vida; outras vezes não.					1 2 3 4 5 6
29.	Confio nele(a) para me apoiar em momentos difíceis da minha vida.					1 2 3 4 5 6
30.	Quando tenho problemas, nem sempre gosto de procurar a (o) minha(meu) namorada(o).					1 2 3 4 5 6
31.	Tenho dúvidas se sou realmente importante para ele(a).					1 2 3 4 5 6
32.	Quando não podemos estar juntos, eu não sei o que fazer.					1 2 3 4 5 6
33.	Quando tenho um problema, só o facto de pensar nela(e) põe-me mais calmo(a).					1 2 3 4 5 6
34.	Não preciso dos cuidados do(a) meu(minha) namorado(a).					1 2 3 4 5 6
35.	O(A) meu(minha) namorado(a) faz-me sentir bem comigo própria(o).					1 2 3 4 5 6
36.	Ele(a) desilude-me muitas vezes.					1 2 3 4 5 6
37.	As minhas conversas com ela(e) não me trazem nada de novo.					1 2 3 4 5 6
38.	Quando vou a algum sítio desconhecido, sinto-me melhor se ele(a) estiver comigo.					1 2 3 4 5 6
39.	Apesar da minha relação ser importante, muitas vezes sinto-me sozinho(o).					1 2 3 4 5 6
40.	Quando algo de grave acontece comigo, prefiro não estar perto dele(a).					1 2 3 4 5 6
41.	Ela(e) não me dá a atenção que eu gostaria.					1 2 3 4 5 6
42.	O(A) meu(minha) namorado(a) aceita-me como eu sou.					1 2 3 4 5 6
43.	Apesar de haver coisas de que não gosto no(a) meu(minha) namorado(a), no fundo eu gostaria de ser como ele(a).					1 2 3 4 5 6
44.	Quando tenho um problema, prefiro ficar sozinho(a) a procurar a(o) minha(meu) namorada(o).					1 2 3 4 5 6
45.	Não me preocupa se não pudermos estar juntos durante as férias.					1 2 3 4 5 6
46.	Gostava que ele(a) me ligasse mais.					1 2 3 4 5 6
47.	Tenho medo de ficar sozinho(a), se perder a(o) minha(meu) namorada(o).					1 2 3 4 5 6
48.	As relações terminam sempre; mais vale eu não me envolver.					1 2 3 4 5 6
49.	A minha(meu) namorada(o) só pensa em si própria(o).					1 2 3 4 5 6
50.	É fundamental para mim que ele(a) concorde com aquilo que eu penso.					1 2 3 4 5 6
51.	Ela(e) é apenas mais uma das pessoas com quem estou no dia-a-dia.					1 2 3 4 5 6
52.	O(A) meu(minha)namorado(a) incentiva-me a fazer coisas diferentes.					1 2 3 4 5 6

Idade: _____ Género: Feminino __ Masculino__

Estado Civil: Solteiro __ Junto __ Casado __

Ano escolar: _____

Área/ Curso: _____

Grau de Instrução da mãe: _____ Profissão da mãe: _____

Grau de Instrução do pai: _____ Profissão do pai: _____

1. Com quem viveste durante a tua infância e adolescência?

Com ambos os pais __ Só com a mãe __ Só com o pai __ Outros __

Se Outros:

1.1. Quem tomou conta de ti? _____

2. Durante algum período da tua vida, estiveste **separado(a)** dos teus pais por períodos superiores a um mês, (não contando com as férias)? Sim __ Não __

Se sim:

De quem é que estiveste separado? _____

Que idade tinhas nessa ocasião? _____

Quem é que tomou conta de ti nesse período? _____

Qual o principal motivo da separação? _____

3. Durante a tua infância e adolescência, algum dos teus pais fez tratamento psiquiátrico ou psicológico ou, consideras que tenha sofrido algum momento de grande tristeza?

Sim __ Não __

Se sim: 3.1. Quem? Mãe __ Pai __ Ambos __

3.1.1. **Pai** fez/teve: _____

Mãe fez/teve: _____

3.1.2. Que idade tinhas nessa(s) ocasião(ões)? _____

Obrigada pela tua colaboração.

ANEXO C

QUADRO

Valores descritivos para os rapazes adolescentes

RAPAZES								
Idade	Mãe				Pai			
	n	Mín.	Máx.	M	n	Mín.	Máx.	M
1-5 anos	73	0	15	3.56	73	2	19	4.97
6-10 anos	74	0	16	4.05	74	0	30	5.31
11-15 anos	74	2	22	4.97	73	0	32	6.04
16-actual.	73	2	35	5.74	73	2	35	7.84

Legenda: Valores a “Bold” indicam os valores médios mais elevados, da distância percebida à figura parental.

QUADRO

Valores descritivos para as raparigas adolescentes

RAPARIGAS								
Idade	Mãe				Pai			
	n	Mín.	Máx.	M	n	Mín.	Máx.	M
1-5 anos	42	0	21	5.10	42	2	30	5.62
6-10 anos	43	0	17	4.91	43	2	32	6.30
11-15 anos	43	3	27	7.74	43	3	32	8.53
16-actual.	43	0	37	6.81	43	2	31	9.37

Legenda: Valores a “Bold” indicam os valores médios mais elevados, da distância percebida à figura parental.

QUADRO

Valores percentuais da relação romântica, segundo o EVA e o género dos adolescentes que não estiveram separados dos pais

	Seguros			
	RAPAZES		RAPARIGAS	
	n	%	n	%
Tipo de relação romântica	15		11	
<i>Neste momento tenho namorado(a)</i>	2	13.3	8	72.7
<i>Já namorei, mas neste momento não tenho ninguém.</i>	10	66.7	3	27.3
<i>Nunca tive nenhum namorado(a), mas tenho “curtido”</i>	3	20	—	—
Duração da relação romântica	12*		11	
Até 6 meses	7	58.3	2	18.2
Entre 7 meses e 1 ano	2	16.7	5	45.5

Entre 1 ano e 2 anos	2	16.7	3	27.3
Superior a 2 anos	1	8.3	1	9.1
Nível de envolvimento amoroso	12*		11	
Nível 1	1	8.3	—	—
Nível 2	2	16.7	—	—
Nível 3	4	33.3	1	9.1
Nível 4	4	33.3	6	54.5
Nível 5	1	8.3	4	36.4
Preocupados				
	RAPAZES		RAPARIGAS	
	n	%	n	%
Tipo de relação romântica	11		14	
<i>Neste momento tenho namorado(a)</i>	11	100	12	85.7
<i>Já namorei, mas neste momento não tenho ninguém.</i>	—	—	2	14.3
Duração da relação romântica	11		14	
Até 6 meses	2	18.2	2	14.3
Entre 7 meses e 1 ano	4	36.4	1	7.1
Entre 1 ano e 2 anos	5	45.5	5	35.7
Superior a 2 anos	—	—	6	42.9
Nível de envolvimento amoroso	11		14	
Nível 2	—	—	1	7.1
Nível 4	3	27.3	—	—
Nível 5	8	72.7	13	92.9
Amedrontados				
	RAPAZES		RAPARIGAS	
	n	%	n	%
Tipo de relação romântica	9		1	
<i>Neste momento tenho namorado(a)</i>	1	11.1	1	100
<i>Já namorei, mas neste momento não tenho ninguém.</i>	7	77.8	—	—
<i>Nunca tive nenhum namorado(a), mas tenho “curtido”</i>	1	11.1	—	—
Duração da relação romântica	8**		1	
Até 6 meses	5	62.5	1	100
Entre 7 meses e 1 ano	1	12.5	—	—
Entre 1 ano e 2 anos	2	25	—	—
Nível de envolvimento amoroso	8**		1	
Nível 3	2	25	—	—
Nível 4	2	25	—	—
Nível 5	4	50	1	100

	Desinvestidos			
	RAPAZES		RAPARIGAS	
	N	%	N	%
Tipo de relação romântica	15		5	
<i>Neste momento tenho namorado(a)</i>	8	53.3	2	40
<i>Já namorei, mas neste momento não tenho ninguém.</i>	5	33.3	2	40
<i>Nunca tive nenhum namorado(a), mas tenho “curtido”</i>	2	13.3	1	20
Duração da relação romântica	13 ^{***}		4 ^{**}	
Até 6 meses	4	30.8	3	75
Entre 7 meses e 1 ano	—	—	1	25
Entre 1 ano e 2 anos	5	38.5	4	—
Superior a 2 anos	4	30.8	1	—
Nível de envolvimento amoroso	13 ^{***}		4 ^{**}	
Nível 2	1	7.7	—	—
Nível 3	2	15.4	3	75
Nível 4	5	38.5	1	25
Nível 5	5	38.5	—	—

Legenda: * 3 Missing values, nos rapazes; ** 1 Missing value, nos rapazes e nas raparigas; *** 2 Missing values, nos rapazes.

QUADRO

QBD e QVA: Valores percentuais da relação romântica, segundo o EVA e o género dos adolescentes que estiveram separados dos pais

	Seguros			
	RAPAZES		RAPARIGAS	
	n	%	n	%
Tipo de relação romântica	11		3	
<i>Neste momento tenho namorado(a)</i>	—	—	1	33.3
<i>Já namorei, mas neste momento não tenho ninguém.</i>	10	90.9	—	—
<i>Nunca tive nenhum namorado(a), mas tenho “curtido”</i>	1	9.1	2	66.7
Duração da relação romântica	10 [*]		1	
Até 6 meses	8	80	—	—
Entre 7 meses e 1 ano	1	10	—	—
Entre 1 ano e 2 anos	1	10	—	—
Superior a 2 anos	—	—	1	100
Nível de envolvimento amoroso	10 [*]		1	
Nível 2	2	20	—	—

Nível 3	4	40	—	—
Nível 4	3	30	—	—
Nível 5	1	10	1	100
Preocupados				
	RAPAZES		RAPARIGAS	
	n	%	n	%
Tipo de relação romântica	—		4	
<i>Neste momento tenho namorado(a)</i>			3	100
Duração da relação romântica	—		4	
Entre 1 ano e 2 anos			2	50
Superior a 2 anos			2	50
Nível de envolvimento amoroso	—		4	
Nível 4			2	50
Nível 5			2	50
Amedrontados				
	RAPAZES		RAPARIGAS	
	n	%	n	%
Tipo de relação romântica	5		1	
<i>Neste momento tenho namorado(a)</i>	2	40	1	100
<i>Já namorei, mas neste momento não tenho ninguém.</i>	3	60	—	—
Duração da relação romântica	5		1	
Até 6 meses	2	40	1	100
Entre 7 meses e 1 ano	1	20	—	—
Entre 1 ano e 2 anos	2	40	—	—
Nível de envolvimento amoroso	5		1	
Nível 1	—	—	1	100
Nível 2	1	20	—	—
Nível 4	2	40	—	—
Nível 5	2	40	—	—
Desinvestidos				
	RAPAZES		RAPARIGAS	
	n	%	n	%
Tipo de relação romântica	6		4	
<i>Neste momento tenho namorado(a)</i>	3	50	4	100
<i>Já namorei, mas neste momento não tenho ninguém.</i>	2	33.3	—	—
<i>Nunca tive nenhum namorado(a), mas tenho “curtido”</i>	1	16.7	—	—
Duração da relação romântica	5*		4	
Até 6 meses	1	20	2	50

Entre 7 meses e 1 ano	4	—	1	25
Entre 1 ano e 2 anos	5	80	1	25
Superior a 2 anos	1	—	—	—
Nível de envolvimento amoroso	5*		4	
Nível 1	1	20	—	—
Nível 3	1	20	—	—
Nível 4	2	40	1	25
Nível 5	1	20	3	75

Legenda: *1 Missing value, nos rapazes e nas raparigas.

QUADRO

Valores percentuais da relação romântica, segundo o EVA e o género dos adolescentes que não PPPE

	Seguros			
	RAPAZES		RAPARIGAS	
	n	%	n	%
Tipo de relação romântica	22		9	
<i>Neste momento tenho namorado(a)</i>	2	9.1	7	77.8
<i>Já namorei, mas neste momento não tenho ninguém.</i>	17	77.3	1	11.1
<i>Nunca tive nenhum namorado(a), mas tenho “curtido”</i>	3	13.6	1	11.1
Duração das relações amorosas	19*		8	
Até 6 meses	14	73.7	1	12.5
Entre 7 meses e 1 ano	2	10.5	4	50
Entre 1 ano e 2 anos	2	10.5	2	25
Superior a 2 anos	1	5.3	1	12.5
Nível de Envolvimento	19*		8	
Nível 1	1	5.3	—	—
Nível 2	4	21.1	—	—
Nível 3	7	36.8	1	12.5
Nível 4	5	26.3	3	37.5
Nível 5	2	10.5	4	50
	Preocupados			
	RAPAZES		RAPARIGAS	
	n	%	n	%
Tipo de relação romântica	9		17	
<i>Neste momento tenho namorado(a)</i>	9	100	15	88.2

<i>Já namorei, mas neste momento não tenho ninguém.</i>	—	—	2	11.8
Duração das relações amorosas	9		17	
Até 6 meses	2	22.2	2	11.8
Entre 7 meses e 1 ano	2	22.2	1	5.9
Entre 1 ano e 2 anos	5	55.6	6	35.3
Superior a 2 anos	—	—	8	47.1
Nível de Envolvimento	9		17	
Nível 4	2	22.2	2	11.8
Nível 5	7	77.8	15	88.2
Amedrontados				
	RAPAZES		RAPARIGAS	
	n	%	n	%
Tipo de relação romântica	10		—	
<i>Neste momento tenho namorado(a)</i>	2	20		
<i>Já namorei, mas neste momento não tenho ninguém.</i>	8	80		
Duração das relações amorosas	10		—	
Até 6 meses	4	40		
Entre 7 meses e 1 ano	2	20		
Entre 1 ano e 2 anos	4	40		
Superior a 2 anos	—	—		
Nível de Envolvimento	10		—	
Nível 2	1	10		
Nível 3	1	10		
Nível 4	3	30		
Nível 5	5	50		
Desinvestidos				
	RAPAZES		RAPARIGAS	
	n	%	n	%
Tipo de relação romântica	15		5	
<i>Neste momento tenho namorado(a)</i>	7	46.7	2	40
<i>Já namorei, mas neste momento não tenho ninguém.</i>	6	40	2	40
<i>Nunca tive nenhum namorado(a), mas tenho “curtido”</i>	2	13.3	1	20
Duração das relações amorosas	13**		4**	
Até 6 meses	5	38.5	2	50
Entre 7 meses e 1 ano	—	—	1	25
Entre 1 ano e 2 anos	6	46.2	1	25
Superior a 2 anos	2	15.4	—	—
Nível de Envolvimento	13**		4**	

Nível 1	1	7.7	—	—
Nível 2	1	7.7	—	—
Nível 3	2	15.4	2	50
Nível 4	6	46.2	1	25
Nível 5	3	23.1	1	25

Legenda: *3 Missing values, nos rapazes; ** 2 Missing values, nos rapazes; *** 1 Missing value, nas raparigas.

QUADRO

Valores percentuais da relação romântica, segundo o EVA e o género dos adolescentes que PPPE

	Seguros			
	Rapazes		Raparigas	
	n	%	n	%
Tipo de relação romântica	4		5	
<i>Neste momento tenho namorado(a)</i>	—	—	2	40
<i>Já namorei, mas neste momento não tenho ninguém.</i>	3	75	2	40
<i>Nunca tive nenhum namorado(a), mas tenho “curtido”</i>	1	25	1	20
Duração das relações amorosas	3*		4*	
Até 6 meses	1	33.3	1	25
Entre 7 meses e 1 ano	1	33.3	1	25
Entre 1 ano e 2 anos	1	33.3	1	25
Superior a 2 anos	—	—	1	25
Nível de Envolvimento	3*		4*	
Nível 3	1	33.3	—	—
Nível 4	2	66.7	3	75
Nível 5	—	—	1	25
	Preocupados			
	Rapazes		Raparigas	
	n	%	n	%
Tipo de relação romântica	2		1	
<i>Neste momento tenho namorado(a)</i>	2	100	1	100
Duração das relações amorosas	2		1	
Até 6 meses	—	—	—	—
Entre 7 meses e 1 ano	1	100	—	—
Entre 1 ano e 2 anos	—	—	1	100
Nível de Envolvimento	2		1	

Nível 4	1	50	1	100
Nível 5	1	50	—	—
Amedrontados				
	Rapazes		Raparigas	
	n	%	n	%
Tipo de relação romântica	4		2	
<i>Neste momento tenho namorado(a)</i>	1	25	2	100
<i>Já namorei, mas neste momento não tenho ninguém.</i>	2	50	—	—
<i>Nunca tive nenhum namorado(a), mas tenho “curtido”</i>	1	25	—	—
Duração das relações amorosas	3*		2	
Até 6 meses	3	100	2	100
Nível de Envolvimento	3*		2	
Nível 1	—	—	1	50
Nível 3	1	33.3	—	—
Nível 4	1	33.3	—	—
Nível 5	1	33.3	1	50
Desinvestidos				
	Rapazes		Raparigas	
	n	%	n	%
Tipo de relação romântica	6		4	
<i>Neste momento tenho namorado(a)</i>	4	66.7	4	100
<i>Já namorei, mas neste momento não tenho ninguém.</i>	1	16.7	—	—
<i>Nunca tive nenhum namorado(a), mas tenho “curtido”</i>	1	16.7	—	—
Duração das relações amorosas	5*		4	
Até 6 meses	—	—	3	75
Entre 7 meses e 1 ano	—	—	1	25
Entre 1 ano e 2 anos	3	60	—	—
Superior a 2 anos	2	40	—	—
Nível de Envolvimento	5*		4	
Nível 3	1	20	1	25
Nível 4	1	20	1	25
Nível 5	3	60	2	50

Legenda: * 1 Missing value, nos rapazes e nas raparigas.

CAPÍTULO III – RESULTADOS

Tratamento Estatístico

Neste capítulo serão apresentados os resultados decorrentes do estudo realizado de acordo com os resultados das análises dos questionários

Os dados recolhidos foram previamente codificados, introduzidos em suporte informático e submetidos a tratamento estatístico. Para a realização das análises, recorreu-se ao programa SPSS 17.0 para Windows e para a construção dos gráficos, recorreu-se ao programa Microsoft Office Excel 2003.

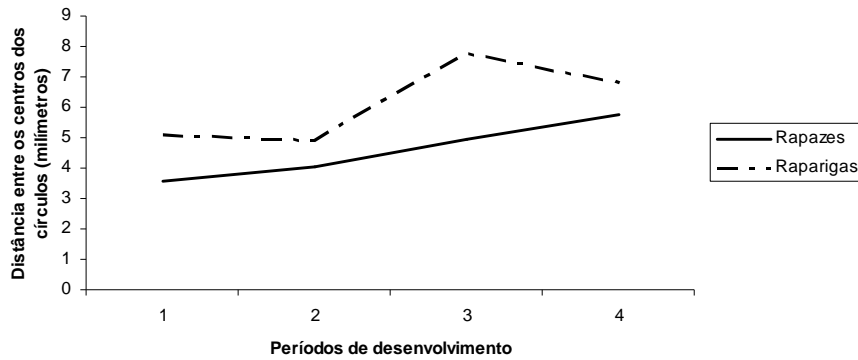
Desenho de Círculos Representativos da Família (DCRF)

Após formarem-se dois grupos tendo em conta o género dos indivíduos da amostra, testou-se a Normalidade. Verificou-se contudo, que esta não existia, para $\alpha= 0.05$ ($p\text{-value}=.00$), tendo-se calculado em seguida, o teste não paramétrico *Mann Whitney*.

Com o objectivo de se tornar mais perceptível, construiu-se os Gráficos 1 e 2 que ilustram a PPE que os rapazes e as raparigas têm, relativamente às figuras parentais, nas diferentes fases da vida. Os valores aqui apresentados, são os valores médios relativos às medidas em milímetros entre os dois centros das circunferências, que representam o próprio e as figuras parentais (Quadros em Anexo C).

FIGURA 1

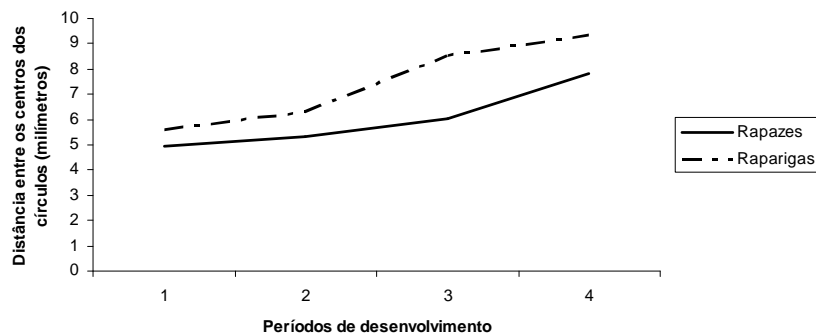
Valores médios da percepção da proximidade emocional (PPE) à mãe, ao longo do ciclo de vida dos adolescentes da amostra



Períodos de Desenvolvimento: 1= 1-5 anos; 2= 6-10 anos; 3= 11-15 anos; 4= 16- actualidade.

FIGURA 2

Valores médios da PPE ao pai, ao longo do ciclo de vida dos adolescentes da amostra



Períodos de Desenvolvimento: 1= 1-5 anos; 2= 6-10 anos; 3= 11-15 anos; 4= 16- actualidade.

Conforme se pode verificar (Figura 1 e 2), a percepção da DE às figuras parentais aumenta, tanto para os rapazes como para as raparigas, ao longo do desenvolvimento e varia consoante o género (do jovem e do progenitor), e os períodos do desenvolvimento. Os rapazes, apresentam valores médios mais baixos de PDE aos pais e, menos extremados, quando comparados com os das raparigas.

De seguida, verificou-se se existiam diferenças significativas na PDE ao longo do desenvolvimento por parte dos rapazes e das raparigas (Tabela 1). Tendo-se calculado primeiro a Normalidade através do teste *Kolmogorov-Smirnov*, e em seguida o teste *Kruskal Wallis* (porque não se verificou a Normalidade para $p\text{-value} = .00$; para $\alpha = 0.05$).

TABELA 1

Comparação dos resultados para a percepção da relação com a mãe e com o pai, em função do género dos adolescentes

Idade	N	Mãe			p^*	Pai			p^*
		M	DP			N	M	DP	
1-5 anos	115	4.12	2.935	.002	115	5.21	3.968	.342	
6-10 anos	117	4.37	2.615	.008	117	5.68	4.872	.196	
11-15 anos	117	5.99	4.413	.002	116	6.97	5.648	.081	
16-actual.	116	6.14	5.917	.937	116	8.41	7.658	.146	

Legenda: * Teste Kruskal Wallis, significativo para $p \leq 0.05$

Comparados os valores encontrados, constatou-se existir diferenças significativas apenas na relação com a mãe (para $\alpha = 0.05$). A relação com a mãe é percebida tanto pelos rapazes como pelas raparigas como mais próxima emocionalmente, principalmente nos três primeiros estádios de desenvolvimento (valores significativos encontram-se a “*Bold*”). De acordo com os resultados observados (Tabela 1 e Figuras 1 e 2), pode-se concluir que os rapazes percebem maior PE à mãe no primeiro período de desenvolvimento (1-5 anos) e no terceiro período (11-15 anos), e as raparigas percebem maior PE à mãe, no segundo período de desenvolvimento (6-10 anos).

Relativamente à percepção que os adolescentes têm da relação com o pai, ao longo do ciclo de vida, não foram encontradas diferenças significativas entre rapazes e raparigas. No entanto, por os valores dos desvios-padrão encontrados serem reveladores de uma grande dispersão (Tabela 1), principalmente para os dois últimos períodos de desenvolvimento, em particular para o grupo das raparigas, pode-se afirmar que existe uma grande heterogeneidade na forma como percebem tal relação, considerando-a uns muito próxima, e outros como muito distante.

Questionário da Vinculação Amorosa (QVA)

Após calcular-se as frequências das quatro dimensões deste questionário, verificou-se se a amostra, tendia para a Normalidade; como tal não se manifestou, utilizou-se o teste *Mann Whitney* para verificar se existiam diferenças significativas entre o grupo dos rapazes e o das raparigas (Tabela 2).

TABELA 2

Valores descritivos das Dimensões, de acordo com o género dos adolescentes

<i>Dimensões</i>	RAPAZES					RAPARIGAS					<i>p</i> *
	n	Med	DP	Mín	Máx	n	Med	DP	Mín	Máx	
Confiança	74	49.00	4.560	38	58	43	49.00	2.879	42	55	.149
Dependência	74	41.00	11.521	19	70	43	44.00	9.265	24	71	.948
Ambivalência	74	38.50	10.762	15	63	43	33.00	3.475	18	58	.075
Evitamento	74	37.00	9.844	13	60	43	30.00	9.316	14	51	.005

Legenda: * Teste *Mann Whitney*, significativo para $p \leq 0.05$

Tal como se pode verificar na Tabela 2, ao comparar os valores encontrados dos rapazes e das raparigas, constata-se que apenas existem diferenças significativas na dimensão “Evitamento” (p -value= 0.005; α = 0.05), indicando que os rapazes (θ =37.00) apresentam valores mais elevados do que as raparigas (θ =30.00) nessa dimensão. Em todas as outras dimensões, não foram encontradas diferenças significativas.

Analisou-se em seguida, se existiam diferenças significativas, de acordo com o género do indivíduo, no(a): *Tipo de relação romântica, Duração da relação romântica, Quantas relações significativas e Nível de envolvimento amoroso* (Tabela 3).

TABELA 3

Valores descritivos que caracterizam as relações românticas dos adolescentes

	RAPAZES n=74				RAPARIGAS n=43				<i>p</i>
	n	%	M	DP	n	%	M	DP	
Tipo de relação romântica									
Com namorado(a)	28	37.8			31	72.1			.001*
Já namorou, mas agora não tem namorado(a)	38	51.4	1.84	0.89	9	20.9	1.42	0.82	
Apenas “curte”	8	10.8			3	7.0			

Duração da relação romântica	n	%	M	DP	N	%	M	DP	
Até 6 meses	31	47.0			11	27.5			.024**
Entre 7 meses e 1 ano	9	13.6	2.00	2.69	8	20.0	2.50	2.23	
Entre 1 ano e 2 anos	21	31.8			11	27.5			
Mais de 2 anos	5	7.6			10	25.0			
Quantas relações significativas	n	%	M	DP	n	%	M	DP	
0	5	7.6			1	2.5			.514
1	36	54.5			19	47.5			
2	13	19.7	1.55	1.07	14	35.0	1.68	0.89	
3	10	15.2			4	10.0			
4	—	—			2	5.0			
5	2	3.0							
Nível de envolvimento amoroso	n	%	M	DP	n	%	M	DP	
Nível 1	3	4.5			1	2.5			.003***
Nível 2	6	9.1			—	—			
Nível 3	13	19,7	3.82	2.21	4	10.0	4.43	1.67	
Nível 4	22	33.3			11	27.5			
Nível 5	22	33.3			40	60.0			

Legenda: * Teste *Chi-Quadrado*, significativo para $p \leq 0.05$

** Teste *Pearson*, significativo para $p \leq 0.05$

*** Teste *Mann-Whitney*, significativo para $p \leq 0.05$

Tal como se pode observar na Tabela 3, existem diferenças significativas no *Tipo de relação romântica* de acordo com o género dos sujeitos ($p\text{-value} = .001$; $p \leq 0.05$), sendo o grupo das raparigas o que refere mais namoros (72.1%) e, o grupo dos rapazes o que mais refere já ter namorado, mas presentemente não namorar (51.4%). Há também maior percentagem de rapazes que apenas “curtem” (10.8%). Relativamente à *Duração da relação romântica*, também foram verificadas diferenças significativas ($p\text{-value} = .024 < 0.05$). O grupo dos rapazes, caracteriza-se por ter maior percentagem em relações de curta duração “Até 6 meses” (N=31; 47.0%); enquanto o das raparigas, caracteriza-se por ser mais heterogéneo nas respostas e, por apresentar valores percentuais mais elevados em relacionamentos longos, ou seja, superior a 2 anos (N=10; 25.0%). No *Nível de envolvimento amoroso*, também foram encontradas diferenças significativas consoante o género dos adolescentes ($p\text{-value} = .003 < 0.05$), sendo no grupo das raparigas, a maior percentagem no *Nível 5* (N=40; 60%).

No que toca à avaliação do item “*Quantas relações significativas*”, não foram encontradas diferenças significativas através do teste de correlação de *Pearson*, para um $\alpha = 0.05$; contudo, como se pode verificar no Quadro 3, tanto os rapazes como as raparigas, afirmam terem tido apenas uma relação que consideram significativa. Desta forma pode-se concluir que, quando comparados os dois grupos, as raparigas namoram mais, têm relações mais duradouras e manifestam maior envolvimento nas relações com o par amoroso.

No sentido de classificar a amostra dos rapazes e das raparigas, de acordo com os diferentes EVA, foram realizados procedimentos estatísticos para a análise de *clusters* (*K-Means* e *Simple Euclidian Distance*) do QVA. Optou-se pela solução de quatro *clusters*, de acordo com o modelo de Bartholomew, correspondendo cada um, aos protótipos de vinculação: *Seguro*, *Preocupado*, *Amedrontado* e *Desinvestido*. Realizou-se posteriormente, uma análise de variância multivariada (MANOVA), para um $p\text{-value} \leq 0.05$, com o objectivo de verificar a variabilidade de cada uma das dimensões do QVA em função dos respectivos *clusters*. Detectou-se que apenas a dimensão *Evitamento* não se distribuía de forma semelhante pelas quatro dimensões. Contudo, tal seria esperado, visto que cada estilo de vinculação amorosa, apresenta conteúdos substantivos distintos, e é de esperar que os Desinvestidos sejam os que apresentam valores mais elevados da dimensão Evitamento. Desta forma, procedeu-se à continuidade do estudo tendo para por isso optado por uma análise de distribuição de frequências.

Na Tabela 4, encontra-se a análise dos quatro *clusters* encontrados.

TABELA 4

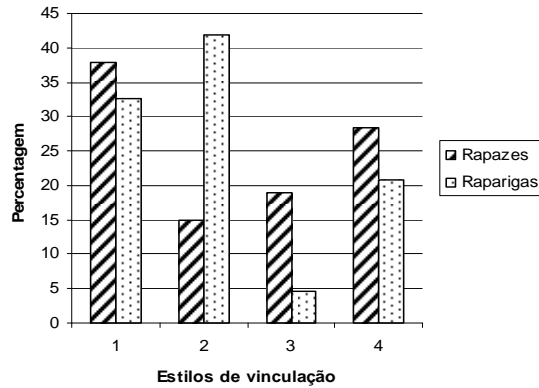
Análise *Qui-Quadrado* da amostra, tendo em conta o género e os quatro *clusters*

<i>Género</i>	<i>Clusters</i>			
	Seguro	Preocupado	Amedrontado	Desinvestido
RAPAZES	28 (23.4)	11 (18.3)	14 (10.1)	21 (22.1)
RAPARIGAS	14 (12.9)	18 (10.7)	2 (5.9)	9 (13.6)

Legenda: Os valores destacados a “**Bold**”, indicam valores acima dos esperados. Os valores entre parêntesis, indicam os valores esperados.

FIGURA 3

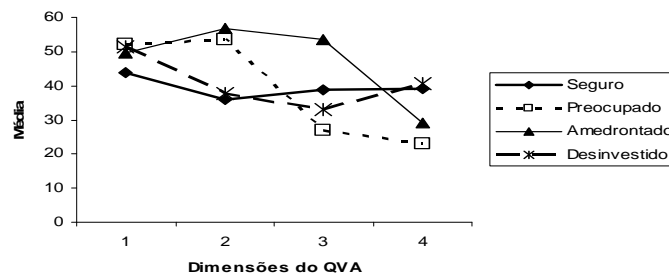
Percentagem dos estilos de vinculação amorosa (EVA) por género



Legenda: EVA: 1= Seguro; 2= Preocupado; 3= Amedrontado; 4= Desinvestido.

FIGURA 4

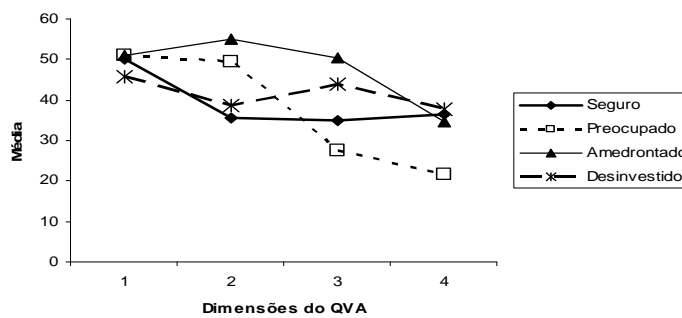
Clusters dos rapazes



Legenda: Dimensões do QVA: 1= Confiança, 2= Dependência, 3= Ambivalência e 4= Evitamento

FIGURA 5

Clusters das raparigas



Legenda: Dimensões do QVA: 1= Confiança, 2= Dependência, 3= Ambivalência e 4= Evitamento.

Tal como foi verificado na Tabela 4, e nas Figuras 3, 4 e 5, os resultados desta análise parecem apontar para a possibilidade de os *clusters* serem interpretados de acordo com os quatro protótipos propostos. Desta forma, pode-se caracterizar o *cluster* 1, como o dos sujeitos *Seguros*, sendo constituído por 28 casos para os rapazes e 14 para as raparigas, que representam 37.8 % da amostra dos rapazes e 32.6 % da amostra das raparigas. São os sujeitos menos ambivalentes, e apresentam os valores mais moderados em comparação com os restantes grupos. O *cluster* 2, refere-se ao grupo dos *Preocupados*, 11 casos para os rapazes e 18 para as raparigas, caracterizam 14.9 % da amostra dos rapazes e, 41.9 % da amostra das raparigas. Este grupo, apresenta os valores mais elevados de Confiança e de Dependência, porque têm maior confiança no outro enquanto figura de vinculação e, os valores mais baixos de Ambivalência e Evitamento, por sentirem grande necessidade de aproximação ao par romântico. Os indivíduos pertencentes ao *cluster* 3, são os *Amedrontados*. A esta caracterização pertencem 14 casos para os rapazes e apenas 2 para as raparigas o que equivale a 18.9 % dos rapazes e 4.7 % das raparigas. Estes indivíduos, apresentam valores mais elevados de Ambivalência e de Dependência, isto porque desejam ter intimidade nas relações do tipo amoroso, mas por outro lado, temem essa intimidade ou PE. Os que pertencem ao *cluster* 4, são os *Desinvestidos*, e representam 21 casos para os rapazes e 9 para as raparigas, sendo 28.4 % dos rapazes e 20.9 % das raparigas. Distinguem-se dos restantes grupos, por terem os valores mais elevados de Evitamento, bem como de Confiança, pois têm um modelo positivo de si e negativo do outro, desvalorizando as relações.

Em suma, na amostra total (n= 117), existe uma maior prevalência de rapazes Seguros (37.8%) e de raparigas Preocupadas (41.9%), havendo um número também elevado de rapazes Amedrontados e de raparigas Seguras, quando comparados com o número esperado. A elevada percentagem de rapazes Seguros (modelo interno positivo do *self* e do outro) poderá traduzir, maior disponibilidade, em fomentar relações íntimas. Enquanto que, a elevada percentagem de raparigas Preocupadas (modelo negativo do *self* e positivo do outro), poderá revelar uma relação amorosa caracterizada por uma necessidade excessiva de reconhecimento e dependência ao par amoroso, bem como de alguma insatisfação quanto ao apoio recebido.

Relação entre o DCRF e o QVA

Tal como atrás foi referido, por não se ter verificado os pressupostos da MANOVA, quanto à distribuição das dimensões do QVA pelos quatro *clusters*, para um *p-value* de .05,

optou-se por verificar as relações entre a vinculação parental (VP) e a vinculação amorosa (VA), através de uma análise de distribuição de frequências, utilizando-se para tal, filtros específicos.

No Quadro 10, são apresentados os 8 sub-grupos distintos: 4 para as raparigas e 4 para os rapazes, tendo em conta o género e os EVA. Os valores médios a “Bold” significam a maior percepção de distância emocional (PDE) às figuras de VP e os valores médios mais baixos sublinhados, significando a menor PDE, às figuras de VP.

TABELA 5
Valores médios da PDE aos pais em adolescentes

	Estilos de vinculação amorosa							
	Seguro		Preocupado		Amedrontado		Desinvestido	
	Rapazes n=28	Raparigas n=14	Rapazes n=11	Raparigas n=18	Rapazes n=14	Raparigas n=2	Rapazes n=21	Raparigas n=9
Mãe	M	M	M	M	M	M	M	M
1-5	3.78	4.85	3.45	4.28	4.14	<u>3.00</u>	<u>2.95</u>	7.56
6-10	4.18	5.07	4.55	4.17	3.93	<u>3.00</u>	3.71	6.56
11-15	4.57	7.71	6.91	6.39	4.64	4.00	4.71	11.33
16-act.	5.82	5.79	5.45	4.22	4.64	21.00	6.55	10.44
Pai								
1-5	5.81	5.31	4.00	<u>3.89</u>	4.86	6.00	4.48	9.44
6-10	5.68	6.36	<u>3.82</u>	4.78	7.00	5.00	4.48	9.56
11-15	5.54	8.14	5.64	7.33	8.43	17.00	5.30	9.67
16-act.	7.54	9.00	6.91	8.22	9.00	17.50	7.95	10.44

FIGURA 6

Valores médios da relação entre os EVA dos rapazes e a relação com a mãe

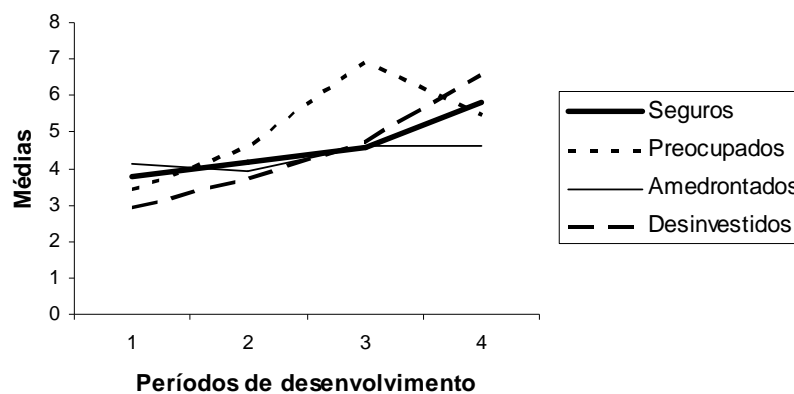
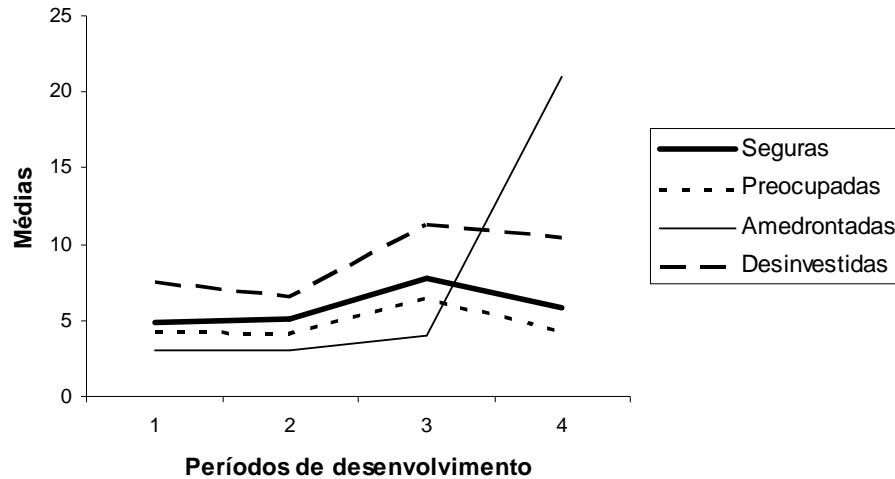


FIGURA 7

Valores médios da relação entre os EVA das raparigas e a relação com a mãe



Legenda: Períodos de Desenvolvimento: 1= 1-5 anos; 2= 6-10 anos; 3= 11-15 anos; 4= 16- actualidade. Valores médios elevados, revelam maior relação entre a PDE à mãe e o EVA

Tal como se verifica na Tabela 5 e nas Figuras 6 e 7, em termos gerais, verifica-se para todos os adolescentes, independentemente do género e do EVA, uma maior PPE à mãe nos dois primeiros períodos de vida (1-5 anos, 6-10 anos), e uma maior PDE à mãe nos dois últimos momentos do desenvolvimento (dos 11 aos 15 anos e dos 16 à actualidade). Contudo observa-se que as percepções dos jovens, divergem muito consoante o seu género e os seus EVA. As raparigas Amedrontadas e os rapazes Desinvestidos, apresentam os valores médios mais extremados de PDE à mãe, mas são os rapazes Preocupados, os que percebem a maior DE à mãe, no período dos 11 aos 15 anos. Os rapazes e as raparigas de EVA Seguro, são os que têm valores médios menos extremados de PPE/PDE à mãe. De notar também os valores altos e constantes de DE à mãe dos rapazes Amedrontados.

FIGURA 8

Valores médios da relação entre os EVA dos rapazes e a relação com o pai

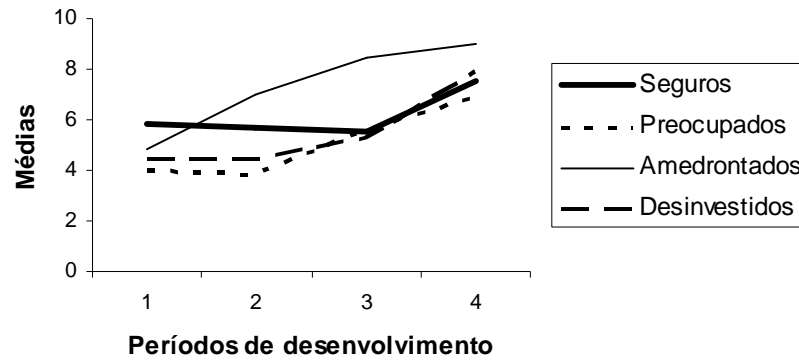
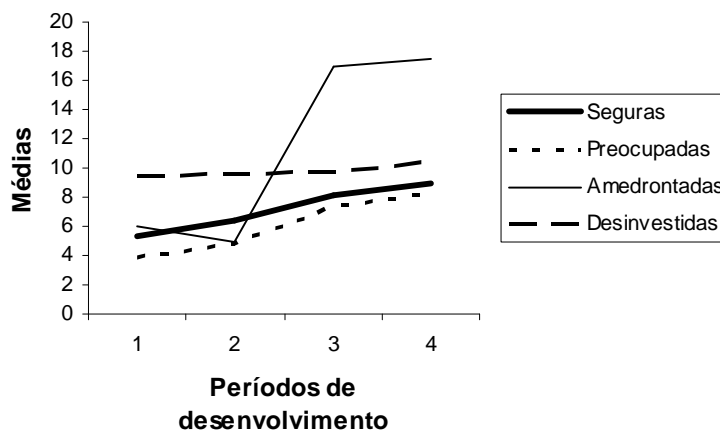


FIGURA 9

Valores médios da relação entre os EVA das raparigas e a relação com o pai



Legenda: Períodos de Desenvolvimento: 1= 1-5 anos; 2= 6-10 anos; 3= 11-15 anos; 4= 16- actualidade.

Na relação com o pai (Tabela 5 e Figura 8 e 9), os jovens com um EVA Amedrontado têm os valores mais extremados de PDE e, os jovens com um EVA Preocupados, são os que têm os valores médios mais baixos de PDE nos primeiros dois períodos do desenvolvimento. De notar também os valores médios altos e constantes de DE ao pai das raparigas Desinvestidas.

De seguida, apresenta-se a análise da VA, relativa ao *Tipo de relação romântica*, *Duração da relação romântica* e *Nível de envolvimento amoroso* (Quadro 6 e Gráfico 10, 11, 12 e 13).

TABELA 6

Valores percentuais que caracterizam as relações românticas dos adolescentes, segundo o EVA e o gênero dos jovens

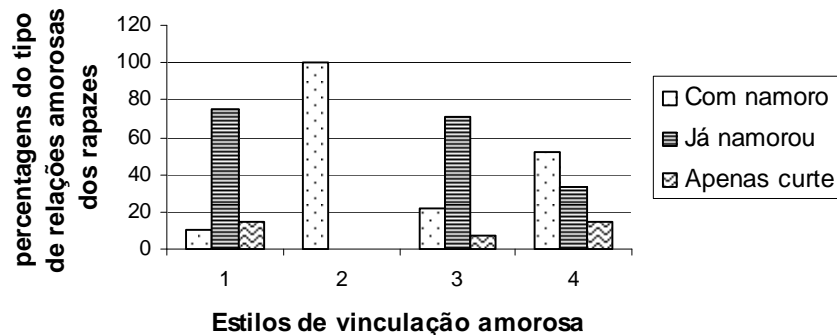
	Seguros			
	RAPAZES		RAPARIGAS	
	n	%	n	%
Tipo de relação romântica	28		14	
<i>Neste momento tenho namorado(a)</i>	3	10.7	9	64.3
<i>Já namorei, mas neste momento não tenho ninguém.</i>	21	75	3	21.4
<i>Nunca tive nenhum namorado(a), mas tenho “curtido”</i>	4	14.3	2	14.3
Duração da relação romântica	24*		12**	
Até 6 meses	17	70.8	2	16.7
Entre 7 meses e 1 ano	3	12.5	5	41.7
Entre 1 ano e 2 anos	3	12.5	3	25
Superior a 2 anos	1	4.2	2	16.7
Nível de envolvimento amoroso	24*		12**	
Nível 1	2	8.3	—	—
Nível 2	4	16.7	—	—
Nível 3	8	33.3	1	8.3
Nível 4	8	33.3	6	50
Nível 5	2	8.3	5	41.7
	Preocupados			
	RAPAZES		RAPARIGAS	
	n	%	n	%
Tipo de relação romântica	11		18	
<i>Neste momento tenho namorado(a)</i>	11	100	16	88.9
<i>Já namorei, mas neste momento não tenho ninguém.</i>	—	—	2	11.1
Duração da relação romântica	11		18	
Até 6 meses	2	18.2	2	11.1
Entre 7 meses e 1 ano	4	36.4	1	5.6
Entre 1 ano e 2 anos	5	45.5	7	38.9
Superior a 2 anos	—	—	8	44.4
Nível de envolvimento amoroso	11		18	
Nível 4	3	27.3	3	16.7
Nível 5	8	72.7	15	83.3
	Amedrontados			
	RAPAZES		RAPARIGAS	
	n	%	n	%

	n	%	n	%
Tipo de relação romântica	14		2	
<i>Neste momento tenho namorado(a)</i>	3	21.4	2	100
<i>Já namorei, mas neste momento não tenho ninguém.</i>	10	71.4	—	—
<i>Nunca tive nenhum namorado(a), mas tenho “curtido”</i>	1	7.1	—	—
Duração da relação romântica	13 ^{**}		2	
Até 6 meses	7	53.8	2	100
Entre 7 meses e 1 ano	2	15.4	—	—
Entre 1 ano e 2 anos	4	30.8	—	—
Nível de envolvimento amoroso	13 ^{**}		2	
Nível 1	—	—	1	50
Nível 2	1	7.7	—	—
Nível 3	2	15.4	—	—
Nível 4	4	30.8	—	—
Nível 5	6	46.2	1	50
Desinvestidos				
	RAPAZES		RAPARIGAS	
	n	%	n	%
Tipo de relação romântica	21		9	
<i>Neste momento tenho namorado(a)</i>	11	52.4	6	66.7
<i>Já namorei, mas neste momento não tenho ninguém.</i>	7	33.3	2	22.2
<i>Nunca tive nenhum namorado(a), mas tenho “curtido”</i>	3	14.3	1	11.1
Duração da relação romântica	18 ^{***}		8 ^{****}	
Até 6 meses	5	27.8	5	62.5
Entre 7 meses e 1 ano		—	2	25
Entre 1 ano e 2 anos	9	50	1	12.5
Superior a 2 anos	4	22.2	—	—
Nível de envolvimento amoroso	18 ^{***}		8 ^{****}	
Nível 1	1	5.6	—	—
Nível 2	1	5.6	—	—
Nível 3	3	16.7	3	37.5
Nível 4	7	38.9	2	25
Nível 5	6	33.3	3	37.5

Legenda: * 4 Missing values, nos rapazes; ** 2 Missing values, nas raparigas e rapazes; *** 3 Missing values, nos rapazes; **** 1 Missing values, nas raparigas

FIGURA 10

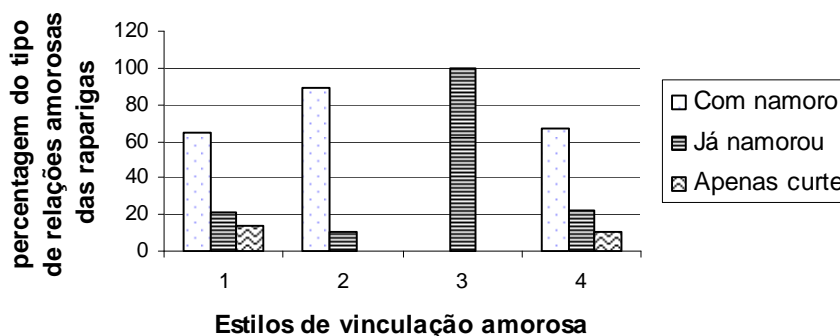
Valores percentuais do tipo de relação romântica dos rapazes, consoante o EVA



Legenda: Estilos de Vinculação Amorosa: 1= Seguro; 2= Preocupado; 3= Amedrontado; 4= Desinvestido.

FIGURA 11

Valores percentuais do tipo de relação romântica das raparigas, consoante o EVA



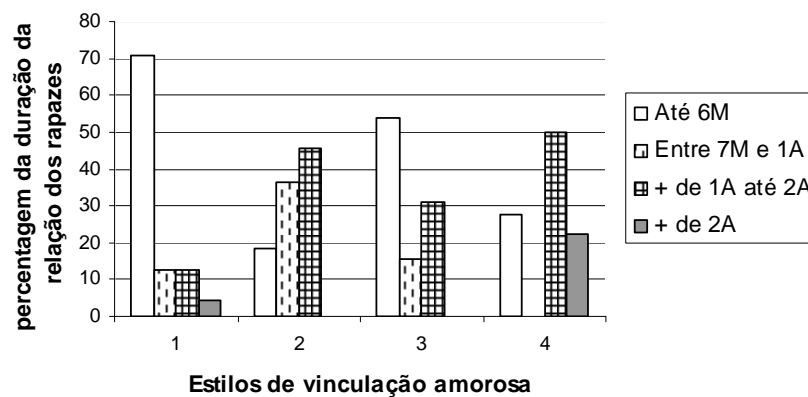
Legenda: Estilos de Vinculação Amorosa: 1= Seguro; 2= Preocupado; 3= Amedrontado; 4= Desinvestido.

Como se pode observar (Tabela 6 e Figura 10 e 11), os rapazes de EVA Seguro, apresentam a maior percentagem no item: “*Já namorei, mas neste momento não tenho ninguém*” (n=21; 75%), e uma menor percentagem em situações de namoro (n= 3; 10.7%). Por sua vez, as raparigas Seguras, apresentam maior percentagem em namoros (n= 9; 64.3%). Os rapazes com um EVA Preocupado apenas relatam situações de namoro (n=11; 100%) e as raparigas Preocupadas também apresentam uma maior percentagem em namoros (n= 16; 88.9%). Os adolescentes de EVA Amedrontado, têm uma das maiores percentagens no item referente aos namoros já terminados (n= 10; 71.4%). Já as duas raparigas de EVA Amedrontado, relatam estar a namorar (n= 2; 100%). Os rapazes e as raparigas com EVA Desinvestido, têm a maior

percentagem em namoros (n= 11; 52.4%; n= 6; 66.7%, respectivamente), e menor em “curtes” (n= 3; 14.3%; n= 1; 11.1%, respectivamente). Apenas os que têm EVA Seguro e Desinvestido referem relações casuais, tal como um rapaz Amedrontado.

FIGURA 12

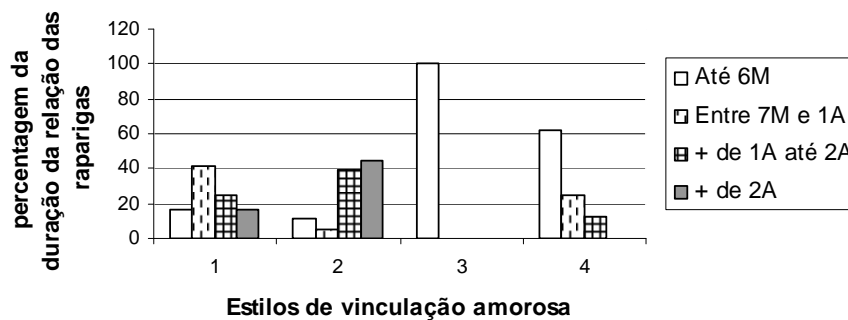
Valores percentuais da duração da relação romântica dos rapazes, consoante o EVA



Legenda: Estilos de Vinculação Amorosa: 1= Seguro; 2= Preocupado; 3= Amedrontado; 4= Desinvestido.

FIGURA 13

Valores percentuais da duração da relação romântica das raparigas, consoante o EVA

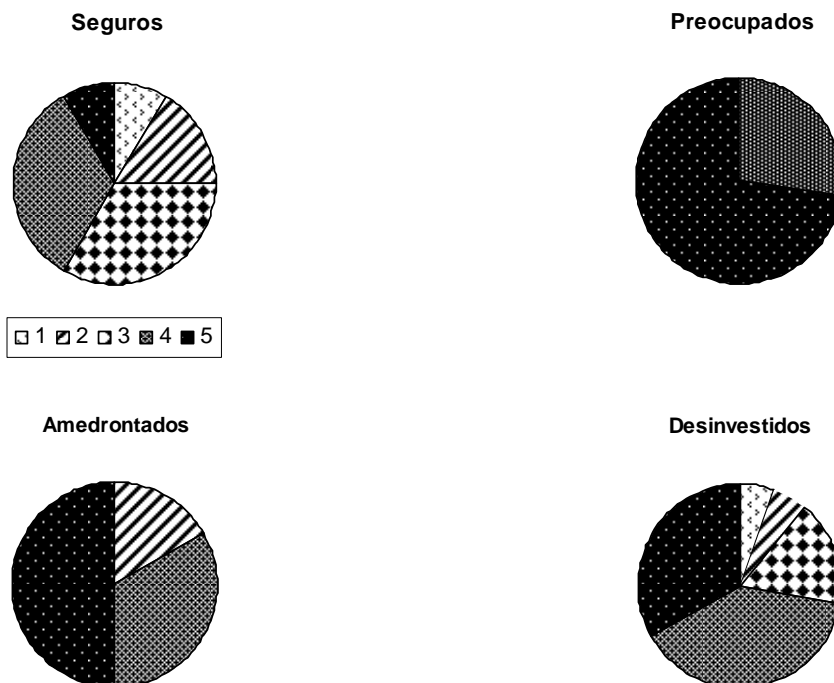


Legenda: Estilos de Vinculação Amorosa: 1= Seguro; 2= Preocupado; 3= Amedrontado; 4= Desinvestido.

No que diz respeito à duração das relações românticas (Tabela 6 e Figura 12 e 13), verifica-se que os rapazes com um EVA Seguro, apresentam uma percentagem mais elevada em relações de curta duração (“até 6 meses”) quando comparados com as raparigas Seguras. Contrariamente, os rapazes Desinvestidos e as raparigas Preocupadas, são as que têm uma percentagem mais elevada em relações de longa duração (superior a 1 ano).

FIGURA 14

Valores percentuais do nível de envolvimento amoroso dos rapazes, consoante o EVA



Legenda: Níveis de Envolvimento Amoroso: 1= Nível 1 (“Estou ou estive pouco envolvida na relação”); 2= Nível 2; 3= Nível 3; 4= Nível 4; 5= Nível 5 (“Tenho (ou tinha) planos futuros para a relação”)

FIGURA 15

Valores percentuais do nível de envolvimento amoroso das raparigas, consoante o EVA





Legenda: Níveis de Envolvimento Amoroso: 1= Nível 1 (“Estou ou estive pouco envolvida na relação”); 2= Nível 2; 3= Nível 3; 4= Nível 4; 5= Nível 5 (“Tenho (ou tinha) planos futuros para a relação”).

No que toca ao nível de envolvimento amoroso (Tabela 6 e Figura 14 e 15), em termos gerais, há maior número de respostas no nível 4 e 5, sendo as raparigas a manifestar maior percentagem no Nível 5 (à excepção de uma rapariga Amedrontada, que manifesta menor envolvimento amoroso). Por sua vez, os rapazes Seguros, referem menor envolvimento amoroso, comparativamente com os outros EVA inseguros.

Questionário Demográfico

Relativamente à história de vida dos adolescentes, seleccionou-se a amostra tendo em conta a percepção de um período de separação dos pais (de um ou dos dois pais) durante o seu ciclo de vida e, quanto à PPPE (de um ou dos dois pais), de forma a especificar as características de cada EVA

Na amostra total (cf. Quadro no Anexo A), observou-se uma maior prevalência de jovens que afirma não terem estado separado dos pais num período superior a um mês (69.0% dos rapazes e 72.1% das raparigas). Desses indivíduos, 50.0% dos rapazes, diz ter sido separado de ambos os pais, enquanto 75.0% das raparigas diz ter sido separada apenas do pai. Quanto à idade do jovem em que ocorreu a separação, 33,3% dos rapazes e das raparigas afirmam ter ocorrido na infância, mas a mesma percentagem é verificada nas raparigas no início da adolescência, e nos rapazes no período da plena adolescência. A mãe é frequentemente referida como tendo ficado a tomar conta dos jovens nesse período, por 40.9 % dos rapazes e 50.0% das raparigas. Contudo, também há uma elevada percentagem de rapazes e raparigas que afirmam que houve outros

familiares a tomar conta (31.8% e 33.3%, respectivamente). Os motivos que levaram à dita separação, referidos pelos rapazes, foram maioritariamente “*Escola*”, “*ida para a faculdade*” ou “*Trabalho* (de um dos pais)” (40.9%, 22.7%, respectivamente). As raparigas, referiram prioritariamente o “*Trabalho* (de um dos pais)” e o “*Conflito interparental*”.

Quanto à percepção dos jovens sobre a existência de PPPE, a maioria afirma que os pais não tiveram perturbações emocionais (75.7% dos rapazes e 72.1% das raparigas), contra 21.6% dos rapazes e 27.9% das raparigas, que afirmam que os pais manifestaram sintomatologia depressiva ou recorreram a tratamento psicológico ou psiquiátrico, durante o seu desenvolvimento. Dos que referiram que PPPE, a mãe é mais vezes mencionada (43.8% para os rapazes e 54.5% para as raparigas), seguida de “*Ambos*”, com 37.5% dos rapazes e 36.4% das raparigas. 92.3% dos rapazes, dizem que a mãe apresentou sintomatologia depressiva e apenas 7.7% diz já ter feito tratamento psicológico ou psiquiátrico. Por sua vez, as raparigas dizem que 80.0% das mães sofreram de perturbações emocionais e 20% fez tratamento psicológico ou psiquiátrico. 87.5% dos rapazes afirmam que o pai teve sintomatologia depressiva e 12.5%, dizem ter feito tratamento psicológico ou psiquiátrico. Em relação ao momento do desenvolvimento em que o jovem PPPE, houve casos em que ocorreu apenas em determinado momento do seu desenvolvimento e noutros em que esteve presente durante todo o seu ciclo de vida. Assim, para alguns rapazes, a percepção da PEP aconteceu no início da adolescência (25.0%), no final da adolescência (25.0%) e durante a infância e adolescência (25.0%). Para as raparigas, deu-se durante a sua plena adolescência (27.3%) e também durante a infância e adolescência (27.3%).

Apresentam-se em seguida os resultados das análises, considerando-se apenas os resultados mais relevantes para o estudo.

Adolescentes que Não Estiveram Separados dos Pais

TABELA 7

Valores médios da PDE aos pais dos adolescentes que não estiveram separados dos pais

Estilos de vinculação amorosa								
	Seguro		Preocupado		Amedrontado		Desinvestido	
	Rapazes n=15 M	Raparigas n=11 M	Rapazes n=11 M	Raparigas n=14 M	Rapazes n=9 M	Raparigas n=1 M	Rapazes n=15 M	Raparigas n=5 M
Mãe								
1-5	3.27	4.60	3.45	4.14	4.11	6.00	<u>3.13</u>	4.00
6-10	3.67	5.36	4.55	4.00	3.44	6.00	3.33	4.40

11-15	4.73	8.45	6.91	4.93	3.78	5.00	3.87	8.00
16-act.	5.80	6.18	5.45	<u>3.43</u>	4.67	5.00	4.33	7.80
Pai								
1-5	5.33	5.20	4.00	<u>3.64</u>	4.44	5.00	4.80	4.20
6-10	5.00	6.27	<u>3.82</u>	4.43	7.67	4.00	4.67	4.60
11-15	4.60	9.09	5.64	6.50	9.22	22.00	5.07	7.80
16-act.	5.73	9.18	6.91	8.43	10.44	23.00	4.67	9.60

Tal como se pode observar na Tabela 7, os rapazes Preocupados e as raparigas Seguras, que não estiveram separados dos pais são os que percebem a maior DE à mãe, dos 11 aos 15 anos. Enquanto os rapazes Desinvestidos e as raparigas Preocupadas, são os que têm valores médios mais baixos de DE à mãe (rapazes: 1-5 anos; raparigas: 16-act.). No que diz respeito à relação com o pai, os adolescentes com EVA Amedrontado, são os que manifestam maior PDE ao pai no último período de desenvolvimento, enquanto que os de EVA Preocupado, são os que referem maior PPE ao pai (rapazes: 6-10 anos; raparigas: 1-5 anos).

No que diz respeito aos relacionamentos românticos, (cf. Quadro em Anexo C) os jovens com um EVA Preocupado, são os que apresentam maior percentagem em namoros (rapazes: n=11, 100%; raparigas: n=12, 85.7%). As raparigas Amedrontadas e os rapazes Desinvestidos, são os que apresentam maior percentagem em namoros já terminados (n=7, 77.8%; n=2, 77.8%). Não existem casos de relações casuais neste grupo. Relativamente à duração das relações românticas os rapazes e as raparigas com um EVA Amedrontado, são os que apresentam a percentagem mais elevada em relações de curta duração- “Até 6 meses” (n=5, 62.5%; n=2, 100%, respectivamente), seguidos dos rapazes com um EVA Seguro (n=7, 58.3%). Por sua vez, os rapazes Desinvestidos, tal como as raparigas Preocupadas, são os que têm maior percentagem em namoros com duração superior a 2 anos (n=4, 30.8%; n=6, 42.9%, respectivamente). Em termos de envolvimento amoroso, a maioria (à excepção das Desinvestidas), percebe um nível elevado de envolvimento amoroso. Sendo os rapazes e as raparigas de EVA Preocupado, os que percebem a maior percentagem no Nível 5 (n= 8; 72.7%; n=8, 72.7%, respectivamente). As raparigas Seguras, quando comparados com os rapazes Seguros, apresentam maiores percentagens no Nível 4 e 5.

Adolescentes que Estiveram Separados dos Pais

TABELA 8

Valores médios da PDE aos pais dos adolescentes que estiveram separados dos pais

		Estilos de vinculação amorosa							
		Seguro		Preocupado		Amedrontado		Desinvestido	
		Rapazes n= 11	Raparigas n= 3	Rapazes n= 0	Raparigas n= 4	Rapazes n= 5	Raparigas n= 1	Rapazes n= 6	Raparigas n= 4
		M	M	M	M	M	M	M	M
Mãe	1-5	4.50	5.67	—	4.75	4.20	<u>0.00</u>	<u>2.50</u>	12.00
	6-10	4.73	4.00	—	4.75	4.80	<u>0.00</u>	4.67	9.25
	11-15	4.18	5.00	—	11.50	6.20	3.00	6.83	15.50
	16-act.	6.00	4.33	—	7.00	4.60	37.00	13.20	13.75
Pai	1-5	6.90	5.67	—	4.75	5.60	7.00	<u>3.67</u>	16.00
	6-10	6.45	6.67	—	6.00	5.80	6.00	4.00	15.75
	11-15	6.45	<u>4.67</u>	—	10.25	7.00	12.00	6.00	12.00
	16-act.	10.45	8.33	—	7.50	6.40	12.00	17.80	11.50

Ao observar-se a Tabela 8, verifica-se que os rapazes com EVA Desinvestido e a rapariga com EVA Amedrontado que estiveram separados dos pais, têm as percepções mais extremadas, percepcionando a maior PDE à mãe no último período do desenvolvimento, bem como a maior PPE à mãe, nos dois primeiros períodos do desenvolvimento. Pode-se verificar também que os jovens com um EVA Seguro, são os que têm uma maior constância na PDE à mãe. Os de EVA Desinvestido, são os que percepcionam uma maior DE à mãe ao longo do desenvolvimento.

Na relação com o pai, os rapazes EVA Desinvestido são os que têm uma posição mais extremada, havendo maiores e menores valores médios de PDE ao pai. As raparigas Desinvestidas, são as que percepcionam uma maior DE ao pai durante todo o seu ciclo de vida. Nota-se ainda, que as raparigas Seguras são as que percepcionam menor DE ao pai dos 11 aos 15 anos. Não foram encontrados rapazes com EVA Preocupado.

Quando se compara o grupo de adolescentes que não estiveram separados dos pais, com o grupo dos que estiveram separados dos pais, verifica-se valores mais elevados de PDE aos pais, sendo os adolescentes de EVA inseguro, os que apresentam os valores médios mais extremados de PPE/PDE.

De acordo com os dados observados (cf. Quadro em Anexo C), são os jovens de EVA Inseguro que apresentam maior percentagem em namoros, nomeadamente, os rapazes e as raparigas de EVA Desinvestido (n= 8, 53.3%; n= 4, 100%, respectivamente) e as raparigas Preocupadas (n= 3; 100%) e a Amedrontada (n=1, 100%). Já os rapazes Seguros, são os que apresentam maior percentagem em namoros já terminados (n=10; 99.9%) e as raparigas Seguras, as que apresentam percentagens mais elevadas em “curtes” (n= 2; 66.7%). Relativamente à duração das relações românticas dos jovens que estiveram separados dos pais, os rapazes com EVA Seguro, apresentam uma percentagem elevada em relações de curta duração (n=8, 80%), tal como a única rapariga Amedrontada (n=1, 100%). A rapariga Segura, tal como as raparigas Preocupadas, são as que referem mais namoros de longa duração (n=1, 100%; n=2, 50%, respectivamente). Não existem rapazes de EVA Preocupado. As raparigas Preocupadas, têm relações superiores a um ano. Os rapazes Desinvestidos comparativamente com as raparigas Desinvestidas, caracterizam-se por apresentarem maior percentagem em relacionamentos superiores a 1 ano e inferiores a 2 anos (n=1, 25%; n=5, 80%, respectivamente). Em termos de envolvimento amoroso, os rapazes Seguros, caracterizam-se por apresentarem uma percentagem mais elevada no Nível 3 (n= 4, 40%). Enquanto os Amedrontados e os Desinvestidos têm a mesma percentagem no Nível 4 (n= 2, 40%) e, os Amedrontados são os que têm a percentagem mais elevada no Nível 5 (n= 2, 40%). As raparigas Seguras e as Desinvestidas revelam a maior percentagem no envolvimento amoroso- Nível 5 (n= 1; 100%; n=3, 75%, respectivamente) e a rapariga Amedrontada apresenta o nível mais baixo de envolvimento amoroso.

adolescentes que estiveram separados dos pais por conflitos interparentais.

De forma a especificar melhor a VP e a VA dos jovens no final da adolescentes que referem ter estado separados dos pais, por estes terem tido conflitos, num determinado momento do seu desenvolvimento, seleccionou-se novamente a amostra. Por neste grupo haver poucos elementos em cada sub-grupo de EVA, optou-se por não apresentar quadros, referindo apenas os resultados que pareceram mais revelantes.

Verificou-se que existiam apenas 4 rapazes e 3 raparigas, que estiveram separados dos pais, por estes terem tido conflitos (i.e. separação, divórcios). Um dos rapazes, tem EVA Seguro e é o que mais PPE à mãe em todos os períodos do desenvolvimento (M= 3.00; último momento M= 4.00), enquanto que os Amedrontados e o Desinvestido, referem maior PDE, principalmente no período dos 11 aos 15 anos (M= 7.50; M= 9.00, respectivamente). Também para as Desinvestidas, há maior PDE à mãe, dos 11 aos 15 anos. Enquanto a rapariga Preocupada é a que

refere menor PDE em todos os períodos do desenvolvimento, sendo maior a PDE à mãe dos 11 aos 15 anos.

Na relação com o pai, tanto os rapazes como as raparigas com EVA Desinvestido apresentam os valores médios mais elevados e extremados de PDE (sendo as raparigas a apresentar a maior PDE ao pai). O rapaz Seguro e os Amedrontados, apresentam maior PPE ao pai dos 6 aos 10 anos (M= 4.00; M= 6.50, respectivamente). Convém ainda destacar, que nos adolescentes que estiveram separados dos pais, por conflitos interparentais, a relação com o pai, independentemente do género, do EVA e do período de desenvolvimento analisado, é percebida como menos PE.

Sobre o tipo de relações românticas desta selecção, verificou-se que o rapaz de EVA Amedrontado, a rapariga EVA Preocupado e as raparigas de EVA Desinvestido, estão presentemente a namorar, enquanto o de EVA Seguro e um dos de EVA Amedrontado, referem já ter namorado, mas actualmente não estarem a namorar, enquanto o rapaz de EVA Desinvestido refere que apenas “curte”. Sobre a duração dos relacionamentos românticos, é a rapariga Preocupada que refere a relação mais longa, superior a 2 anos. E em termos de envolvimento amoroso, são as raparigas Desinvestidas a classificar o seu envolvimento amoroso no Nível 5, enquanto o rapaz Seguro afirma ter tido um envolvimento amoroso de Nível 3.

Adolescentes que Percebem os Pais Sem Perturbações Emocionais

TABELA 9

Valores médios da PDE aos pais em adolescentes que percebem não PPPE

Estilos de vinculação amorosa								
	Seguro		Preocupado		Amedrontado		Desinvestido	
	Rapazes n= 22	Raparigas n= 9	Rapazes n= 9	Raparigas n= 17	Rapazes n= 10	Raparigas n= 0	Rapazes n= 15	Raparigas n=5
	M	M	M	M	M	M	M	M
Mãe								
1-5	4.05	4.25	3.33	4.06	4.40	—	<u>3.07</u>	4.60
6-10	3.91	5.22	3.44	3.88	4.20	—	3.47	4.40
11-15	4.50	9.22	5.56	5.59	4.80	—	4.20	8.80
16-act.	4.82	6.44	5.67	<u>3.53</u>	4.10	—	5.14	10.60
Pai								
1-5	5.36	5.38	4.00	<u>3.65</u>	5.00	—	4.87	4.20
6-10	4.64	6.33	<u>3.89</u>	4.29	7.70	—	4.87	4.80
11-15	4.95	8.44	4.44	6.76	9.80	—	5.40	8.40

16-act.	5.73	7.33	5.78	8.06	10.20	—	5.40	8.00
---------	------	------	------	------	--------------	---	------	------

Na selecção dos jovens que não PPPE (Tabela 9), nota-se que são os rapazes Preocupados e as raparigas Desinvestidas, que têm a PDE à mãe mais extremada. As raparigas Preocupadas, apresentam uma maior PPE à mãe no último período de desenvolvimento, enquanto os rapazes com o EVA Desinvestido, percebem maior PE à mãe no primeiro período do desenvolvimento.

No que diz respeito à relação com o pai, nota-se que os rapazes com EVA Amedrontado são os que têm valores médios mais extremados, representando a maior PDE ao pai no último período do desenvolvimento. Enquanto que as raparigas Seguras, são as que referem maior PDE ao pai, dos 11 aos 15 anos. Já em relação à PPE ao pai, são os rapazes e as raparigas de EVA Preocupado que têm os valores médios mais baixos de PDE (6-10 anos; 1-5 anos, respectivamente). Nesta amostra, não existem raparigas Amedrontadas.

No que diz respeito aos relacionamentos com o par romântico (cf. Quadro em Anexo C), existe uma maior percentagem em namoros, por parte dos rapazes e das raparigas de EVA Preocupado (n= 9, 100%; n= 15, 88.2%, respectivamente). Os rapazes Amedrontados, são os que mais afirmam actualmente não estarem a namorar (n=8; 80%) e os rapazes Seguros, embora tenham uma percentagem elevada no mesmo item (n=17, 77.3%), são os que têm a percentagem mais elevada em “curtes” (n= 3; 13.6%). No caso das raparigas, as com EVA Desinvestido, têm a mesma percentagem na situação “(...) *tenho namorado*” e “*Já namorei(...)*” e, maior percentagem em “curtes”, comparativamente com as Seguras. A duração das relações românticas dos rapazes com EVA Seguro, caracteriza-se por serem de curta duração (n=14, 73.7%) tal como as das raparigas Desinvestidas (n=2, 50%). Os rapazes e as raparigas com um EVA Preocupado, continuam a ser os que apresentam maior percentagem em namoros e com duração superior a 1 ano (n=5, 50.6%; n=8, 47.1%, respectivamente). Também no que toca ao nível de envolvimento amoroso, são os rapazes e as raparigas com um EVA Preocupado, que apresentam a maior percentagem no Nível 5 (n= 7; 77.8%; n= 15; 88.2%, respectivamente). Já os rapazes Seguros e as raparigas Desinvestidas, são os que apresentam a percentagem mais elevada no Nível 3 (n= 7, 36.8%; n= 2, 50%, respectivamente). No entanto as raparigas Seguras, referem maior percentagem no Nível 5 (n= 4, 50%) e os rapazes Desinvestidos, maior percentagem no Nível 4 (n= 6, 46.2%). Por fim, os rapazes Amedrontados caracterizam-se também por terem uma maior percentagem no Nível 5 (n= 5, 50%)

Adolescentes que Percecionam os Pais com Perturbações Emocionais.

TABELA 10

Valores médios da PDE aos pais em adolescentes que PPPE

	Estilos de vinculação amorosa							
	Seguro		Preocupado		Amedrontado		Desinvestido	
	Rapazes n= 4 M	Raparigas n=5 M	Rapazes n= 2 M	Raparigas n= 1 M	Rapazes n= 4 M	Raparigas n= 2 M	Rapazes n= 6 M	Raparigas n= 4 M
Mãe								
1-5	<u>1.67</u>	5.80	4.00	8.00	3.50	<u>3.00</u>	2.67	11.25
6-10	5.25	4.80	9.50	9.00	3.25	<u>3.00</u>	4.33	9.25
11-15	4.50	5.00	13.00	20.00	4.25	4.00	6.00	14.50
16-act.	11.75	4.60	4.50	16.00	6.00	21.00	9.83	10.25
Pai								
1-5	10.33	5.20	4.00	8.00	4.50	6.00	<u>3.50</u>	16.00
6-10	11.00	6.40	<u>3.50</u>	13.00	5.25	<u>5.00</u>	<u>3.50</u>	15.50
11-15	7.75	7.60	11.00	17.00	5.00	17.00	5.00	11.25
16-act.	18.75	12.00	12.00	11.00	6.00	17.50	15.60	13.50

Como se pode observar na Tabela 10, os rapazes Seguros e as raparigas Amedrontadas, são os que têm a maior PDE à mãe, ambos no último momento avaliativo. Os rapazes Seguros e as raparigas Amedrontadas são os que apresentam os valores médios mais baixos de PPE à mãe nos dois primeiros períodos de desenvolvimento. De notar também que as raparigas Preocupadas e Amedrontadas, têm valores médios mais elevados de PDE à mãe, em comparação com as Seguras (que apresentam valores mais constantes). As raparigas Amedrontadas, referem elevada PPE à mãe em todos os períodos de desenvolvimento, menos no último.

Na relação com o pai, nota-se que são os rapazes Seguros e as raparigas Amedrontadas que percebem maior DE ao pai no último período do desenvolvimento. Os rapazes Preocupados e os Desinvestidos, registam os valores médios mais altos em PPE ao pai nos dois primeiros momentos do desenvolvimento e, as raparigas Amedrontadas, referem a maior PPE ao pai, dos 6 aos 10 anos.

Resta ainda salientar, que quando se compara o grupo dos que não PPPE, com o grupo que PPPE, verifica-se em todos os adolescentes (à exceção das raparigas Seguras), há valores médios mais extremados de PPE/PDE em relação à mãe.

Nesta selecção, observa-se que os rapazes Seguros e os Amedrontados, são os que mais afirmam já terem namorado, mas presentemente não estarem a namorar (n=3, n=2, respectivamente) e os Desinvestidos, são os que mais namoram (n=4). No caso das raparigas, todas as que têm EVA Inseguro namoram. Entre as de EVA Segura, existem duas raparigas que referem estar a namorar, duas que já namoraram e apenas uma que diz “curtir”. Sobre a duração das relações românticas, pode-se verificar que dos rapazes com um EVA Inseguro, apenas os Desinvestidos têm relacionamentos mais longos (os três têm relacionamentos “Entre 1 e 2 anos” e os restantes dois, têm “Superior a 2 anos”). Já as raparigas Desinvestidas, têm maioritariamente relacionamentos de curta duração (i.e. três referem “Até 6 meses” e apenas uma refere “Entre 7 meses e 1 ano”). Os três rapazes e as duas raparigas com EVA Amedrontado, só têm relacionamentos “Até 6 meses”. Em relação aos de EVA Preocupado, o único rapaz que namora, tem um relacionamento “Entre 7 meses e 1 ano” e a rapariga, tem um relacionamento “Entre 1 e 2 anos”. Os de EVA Seguro, apresentam variadas respostas quanto à duração dos relacionamentos românticos. Relativamente ao nível de envolvimento amoroso, os de EVA Desinvestido têm uma maior percentagem no Nível 5 (n= 3, 60%; n=2, 50% respectivamente), os de EVA Seguro têm maior percentagem no Nível 4 (n= 2, 66.7%; n=3, 75% respectivamente) enquanto os de EVA Preocupado e Amedrontado, dividem-se por diferentes níveis de envolvimento.

CAPÍTULO IV – DISCUSSÃO

A presente investigação teve como objectivo central a análise da VP, VA e da relação entre estes dois tipos de vinculação. Partiu-se do pressuposto que as percepções dos jovens no final da adolescência sobre a VP e VP, variavam tendo em conta o género, os EVA e a história de vida (i.e. separação dos pais e/ou PPEP).

Para facilitar a discussão dos resultados das análises, optou-se por recorrer às hipóteses formuladas. Aqui serão apresentadas as conclusões mais relevantes, remetendo outras análises, para as efectuadas no Capítulo III.

(H1): Espera-se que existam diferenças de género, na VP ao longo do desenvolvimento

Verificou-se que o grupo dos rapazes percepção maior PE à mãe, de 1 aos 5 anos e dos 11 aos 15 anos e o das raparigas, percepção maior PE à mãe dos 6 aos 10 anos. A PDE à mãe, é percebida pelos rapazes de forma gradual, à medida que a idade vai avançando. Para as raparigas, há percepção de maior DE à mãe dos 11 aos 15 anos; percepção essa, que decresce no período dos 16 anos à actualidade.

A hipótese formulada não foi inteiramente confirmada, na medida em que existem diferenças significativas em termos de género, apenas na relação com a mãe. Na relação com o pai, não foram encontradas diferenças significativas. Tanto os rapazes como as raparigas, apresentam uma maior PPE/PDE ao pai ao longo do desenvolvimento.

De acordo com Matos (2002), concluiu-se que tanto os rapazes como as raparigas, apresentavam valores mais elevados na procura de PE à mãe; contudo, em consistência com outros estudos (Rice *et al.*, 1997; Lopez, 1996; Baptista & Lory, 1997), verificou-se que os rapazes, percebem a relação com a mãe como mais PE. A razão pela qual as raparigas se afastam mais no período dos 11 aos 15 anos, poderá estar relacionada com o aparecimento da puberdade (i.e. a menarca e os caracteres secundários). Segundo a perspectiva psicanalítica, quando a rapariga começa a identificar-se com uma mulher, torna-se sedutora, torna-se rival à mãe. Para evitar os conflitos Edipianos, por amor aos pais, afasta-se da mãe e do pai. Esse afastamento (por vezes mais ao nível das representações do que físico), promove a procura por outros novos objectos de amor. E este período, vai eclodir com a procura de novas amizades, interesses, talentos, etc. (Blos, 1998). A reaproximação da rapariga à mãe por volta dos 16 anos,

poderá relacionar-se com a formação e solidificação do carácter e com a construção de relações mais simétricas e maduras (Blos, 1998; Castro, 2009; Coimbra, 2003).

(H2): Espera-se que existam diferenças nas relações que os jovens no final da adolescência estabelecem com o par amoroso, de acordo com o seu género e o seu EVA

Verificou-se que haviam diferenças de acordo com o género e o EVA dos adolescentes relativamente ao *Tipo de relação romântica, Duração dos relacionamentos e Nível de Envolvimento amoroso*. Existem na amostra mais rapazes Preocupados e raparigas Amedrontadas a namorar; rapazes Seguros, que presentemente não estavam a namorar (mas já tinham namorado) e que tal como os Desinvestidos, referiam apenas curtir. Quando comparados os adolescentes no que toca à duração das relações românticas, verificou-se que as raparigas Seguras, apresentam uma percentagem menos elevada que os rapazes, em relações de curta duração (*“até 6 meses”*). Enquanto que as raparigas Amedrontadas e as Desinvestidas, caracterizam-se por apresentarem maior percentagem em relacionamentos de curta duração, quando comparadas com os rapazes do mesmo EVA. As raparigas Preocupadas, quando comparadas com os rapazes do mesmo EVA, apresentaram percentagens mais elevadas em relações de longa duração (*“Superior a 2 anos”*). Em relação ao nível de envolvimento amoroso, as raparigas Preocupadas, apresentam a percentagem mais elevada no Nível 5, quando comparadas com os rapazes do mesmo EVA (raparigas: N=15, 83.3%; rapazes: N=8; 72.7%) e, com os outros jovens que se caracterizam por ter um EVA diferente. As Seguras apresentam maiores percentagens no nível de envolvimento amoroso 4 e 5. Enquanto que os rapazes e as raparigas de EVA Desinvestido, são os que referem menor envolvimento amoroso. Desta forma, conclui-se existir diferenças nos relacionamentos dos jovens no final da adolescência, tendo em conta o género e o seu EVA, sendo a hipótese confirmada.

Nesta amostra, foi verificada uma maior prevalência de rapazes Seguros e raparigas Preocupadas. Contudo, também foi verificado existir maior número de rapazes Amedrontados. Atendendo ao enquadramento teórico, as relações casuais verificadas nos jovens de EVA Seguro, poderão ser por ainda não estarem dispostos a assumir um compromisso, embora já tenham capacidades para o fazer. Por seu lado, os relacionamentos românticos, dos que têm um EVA Amedrontado ou Desinvestido, podem significar incapacidade para desenvolver uma relação íntima e/ou por evitarem totalmente o envolvimento amoroso, sendo apenas funcionais (Costa, 2005; Ferreira & Jorge, 2008; Sá, 2003).

Da mesma forma, os namoros dos adolescentes de EVA Preocupado, caracterizados por serem de longa duração e de grande envolvimento amoroso, podem ser menos saudáveis e/ou

gratificantes por ser narcísicas (Costa, 2005), servindo colmatar a falha de um amor que não se teve.

(H3): Espera-se que o EVA dos jovens no final da adolescência, esteja relacionado com a PPE/PDE às figuras parentais

Tal como atrás foi referido (H1), verificou-se existir diferenças significativas em termos de género, apenas na relação com a mãe (para $\alpha=0.05$), nos três primeiros estádios de desenvolvimento (1-5 anos; 6-10 anos; 11-15 anos). Por não se terem verificado diferenças significativas na relação dos jovens com o pai, apenas se considera a PPE/PDE dos jovens com a mãe, nos três primeiros períodos de desenvolvimento.

Ao comparar os diferentes sub-grupos, constatou-se que os jovens com o EVA Seguro, apresentavam valores médios mais baixos e constantes na PDE à mãe ao longo do desenvolvimento e que, os de EVA inseguro apresentavam os valores médios mais extremados de PPE/PDE à mãe, permitindo assim diferenciar a qualidade da vinculação amorosa dos jovens (Matos, 2002). As raparigas de EVA Desinvestido, são as que apresentam os valores de maior DE à mãe em todos os períodos do desenvolvimento. Desta forma, conclui-se que perceber uma relação próxima e constante, em termos emocionais com a mãe, durante os três primeiros momentos do desenvolvimento do indivíduo, parece ser indicador de uma melhor vinculação ao par amoroso no final da adolescência. Por sua vez, relações percebidas como inconstantes em termos de PE ou, como marcadas por uma maior DE à mãe, durante os três primeiros períodos do desenvolvimento, parecem influenciar os relacionamentos românticos presentes (Matos, 2002). Os resultados parecem confirmar a hipótese inicial, no que respeita à relação com a mãe. Tal não é surpreendente, na medida em que a relação com a mãe normalmente é a privilegiada desde a infância. É normalmente a mãe o primeiro objecto de amor, contudo quando esse objecto não foi devidamente introjectado na infância e modificado no período da adolescência, os jovens adolescentes, têm relações com o par amoroso, muitas das vezes para colmatar uma falha emocional que sentiram em determinado momento do desenvolvimento. Desta forma a hipótese foi parcialmente confirmada.

(H4): Espera-se que a percepção de separação dos pais durante o desenvolvimento do jovem, esteja associada a uma VP e VA insegura.

Na amostra geral, existe maior percentagem de jovens que afirma não terem estado separados dos pais num período superior a um mês (69.0% dos rapazes e 72.1% das raparigas) (Quadro 12). Desses indivíduos, 50.0% dos rapazes, diziam ter sido separados de ambos os pais,

enquanto 75.0% das raparigas diziam ter sido separadas apenas do pai. Os motivos que levaram à dita separação, referidos pelos rapazes, foram maioritariamente “*Escola*”, “*Ida para a faculdade*” ou “*Trabalho (de um dos pais)*” (40.9%, 22.7%, respectivamente); contudo as raparigas, referiram prioritariamente o “*Trabalho (de um dos pais)*” e o “*Conflito interparental*” (N=3; 25%). Por essa razão pode-se desde já deduzir que esses motivos por si só já podem discriminar a percepção da situação dos adolescentes, influenciando na VP e VA. Dos jovens que referem ter tido um período de separação dos pais, não constam rapazes de EVA Preocupado. Ao comparar os jovens, tendo em conta o facto da separação dos pais, verificou-se que os que revelavam maior PDE à mãe, tinham sido os que percepcionavam uma separação dos pais; principalmente para as raparigas (excepto as raparigas Seguras, que percepcionam maior DE à mãe dos 11 aos 15 anos). Em relação à percepção da relação com o pai, como não foram encontradas diferenças significativas, não será aqui analisada.

Em relação aos relacionamentos com o par amoroso, verificou-se que as raparigas de EVA Seguro, que percepcionam separação dos pais, apresentam uma maior percentagem em relacionamentos casuais (“*curtes*”), os rapazes Seguros também nessas condições, apresentam maior percentagem em relacionamentos de curta duração e as percepções de envolvimento amoroso, são de uma maneira geral mais baixas, comparativamente ao grupo dos adolescentes que não estiveram separados dos pais. De acordo com a teoria, um ambiente familiar com elevados níveis de conflito interparental, é prejudicial para o desenvolvimento do indivíduo, principalmente se este tiver uma percepção destrutiva do mesmo, e parece ter repercussões não só na fase em que é vivido, mas também noutras fases da vida do indivíduo, inclusive nas relações que estabelece com o par amoroso (Andrade dos Santos, 2005).

Para verificar se a percepção da separação dos pais, por motivos de conflito interparental é mais prejudicial para o indivíduo, seleccionou-se a amostra e verificou-se que a PDE à mãe é maior quando comparada com o grupo de jovens que não estiveram separados ou, que não referem a separação dos pais, por conflitos interparentais. Apenas o rapaz Seguro apresenta valores médios baixos de PDE à mãe. Isto parece significar que para um indivíduo com EVA Seguro (modelo positivo de si e do outro), a separação dos pais por conflito parental não alterou o seu VP e consequentemente a sua VA, ou que a sua VA pode ter alterado a sua percepção da PDE à mãe. No que toca à análise do tipo, duração e nível de envolvimento das relações românticas, dos jovens que estiveram separados dos pais por conflitos interparentais, verifica-se mais namoros de curta duração, à excepção do namoro da rapariga Preocupada, que é de longa duração (superior a 2 anos). Tal facto, poderá ser por ter desenvolvido maior dependência na

relação com o par amoroso. Relativamente ao nível de envolvimento amoroso, as raparigas Desinvestidas classificam o seu envolvimento amoroso no Nível 5, em oposição ao rapaz Seguro, que classificou o seu relacionamento, no nível 3. Esta classificação denota a ambivalência destes indivíduos. Assim conclui-se que, a hipótese formulada foi em parte confirmada. De acordo com o teorizado por Andrade dos Santos (2005), a separação dos pais, ocorrida durante o desenvolvimento dos jovens, parece favorecer a PDE parental e dificultar um relacionamento maduro com o par amoroso, principalmente se os jovens tiverem uma percepção destrutiva do mesmo, contudo verificou-se que não está somente associada a vinculações inseguras.

(H5): Espera-se que exista uma relação maior, entre a PPEP dos pais, e a VP e a VA do tipo Preocupado.

Ao seleccionar a amostra, de acordo com a PPEP, constituiu-se dois grupos. No grupo dos adolescentes que PPEP, verificou-se que a mãe é a figura parental mais referida (43.8% para os rapazes e 54.5% para as raparigas).

Ao comparar os rapazes e as raparigas de ambos os grupos, verificou-se que existe maior PDE à mãe no grupo dos adolescentes que percebem os pais com , à excepção das raparigas Seguras, que percebem maior DE à mãe quando não há PPEP dos 11 aos 15 anos. Tal conclusão vai remeter para o facto de que com a mãe saudável, é mais fácil o processo de autonomia e individuação da mãe. Os jovens com um EVA Preocupado, são os que apresentam maior percepção de DE à mãe. Este resultado está em concordância com as investigações que salientaram uma associação entre a vinculação insegura do tipo Preocupado, à presença de sintomatologia depressiva do adolescente e/ou da mãe (Allen et al., 1998; Homann, 1997). Relativamente aos relacionamentos amorosos, verificou-se que todos os jovens de EVA Preocupado, pertencentes a ambos os grupos, namoram. Embora não hajam diferenças na duração dos namoros entre as raparigas dos dois grupos, verificou-se que a duração dos namoros dos rapazes Preocupados que PPEP, é menor (i.e. entre 7 meses a 1 ano) do que a dos que PPEP (i. e. entre 1 ano e 2 anos). Quanto ao nível de envolvimento amoroso, é menor do que o referido pelos jovens que percebem os pais sem perturbações emocionais (i.e. Nível 4). Desta forma, os adolescentes Preocupados, que PPEP, têm namoros caracterizados por maior dependência dos pares amorosos do que os jovens de EVA Preocupado, que percebem os pais sem PPEP. Assim a hipótese foi confirmada, visto que os jovens só conseguem investir numa relação romântica, se os pais (principalmente a mãe) não apresentarem perturbações emocionais, indo encontro ao referido por outros autores, por (Sobral, 2008; Marcelli & Braconnier, 2005).